

EGO E ARQUÉTIPO

Individuação e função religiosa da psique

Edward F. Edinger
Editora: Cultrix, São Paulo

4^a Ed. 2012

400 pg.

SUMÁRIO

PARTE 1 – A INDIVIDUAÇÃO E OS ESTÁGIOS DE DESENVOLVIMENTO

O Ego Inflado

1. Ego e Si-mesmo
2. Inflação e Totalidade Original
3. Adão e Prometeu
4. *Hybris* e Nêmesis

O Ego Alienado

1. O eixo Ego-Si-mesmo e o Ciclo da Vida Psíquica
2. Desespero e Violência
3. A Alienação e a Experiência Religiosa
4. A reconstrução do Eixo Ego- Si – mesmo

Encontro com o Si-mesmo

1. O papel do Coletivo
2. A irrupção
3. O Livro de Jó
4. O Ego Individuado

PARTE II – A INDIVIDUAÇÃO COMO MODO DE EXISTÊNCIA

A Busca de Significado

1. A Função do Símbolo
2. As Falácia Concretista e Redutivista
3. A vida Simbólica

Cristo como Paradigma do Ego individuado

1. A Aceitação do Estado de Separação
2. O Ensinamento Ético
3. O Ego Orientado pelo Si-mesmo
4. O Homem como Imagem de Deus

Ser um Indivíduo

1. A Existência *A Priori* do Ego
2. A Mônada e o Monogene
3. Unidade e Multiplicidade

O Arquétipo da Trindade e a Dialética do Desenvolvimento

1. O Três e o Quatro
2. Transformação e Desenvolvimento

PARTE III – SÍMBOLOS DO ALVO

A Metafísica e o Inconsciente

1. Metafísica Empírica
2. Uma Série de Sonhos “Metafísicos”
3. Retorno ao Princípio
4. A Dimensão Transcendente
5. A Conclusão da Opus

O Sangue de Cristo

1. Introdução
2. O Significado do Sangue
3. Retorno ao princípio
4. A Extração pelo Sacrifício
5. Atributos do Sangue de Cristo
6. Relações com a Alquimia
7. Sonhos Modernos

A pedra Filosofal

1. Introdução e Texto
2. Transformação e Revelação
3. O Princípio da Fertilidade
4. A União dos Opostos
5. A Ubiquidade
6. O alimento Espiritual e a Árvore da vida
7. O Um no Todo

PARTE I – A INDIVIDUAÇÃO E OS ESTÁGIOS DE DESENVOLVIMENTO

E se é verdade que nosso conhecimento foi adquirido antes de nosso nascimento, e que o perdemos no momento em que viemos nesse mundo, mas que, posteriormente, mediante o exercício de de que antes dispúnhamos, suponho que aquilo a que damos o nome de aprendizagem se caracterizará como a recuperação de nosso próprio conhecimento... - Platão

CAPÍTULO UM – O EGO INFLADO

O sol não ultrapassará suas medidas; se o fizer, as erínias, servidoras da Justiça, o descobrirão. – Heráclito.

1. EGO E SI-MESMO

“Ela envolve ainda uma dimensão pré-pessoal ou transpessoal, que se manifesta em padrões e imagens universais, tais como os que se podem encontrar em todas as mitologias e religiões do mundo.” Pg. 21

^ (Psique individual)

“[...] Isso tudo se refere ao Si-mesmo, fonte central da energia da vida, srcem do nosso ser, descrito de forma mais simples, como Deus.” Pg. 22

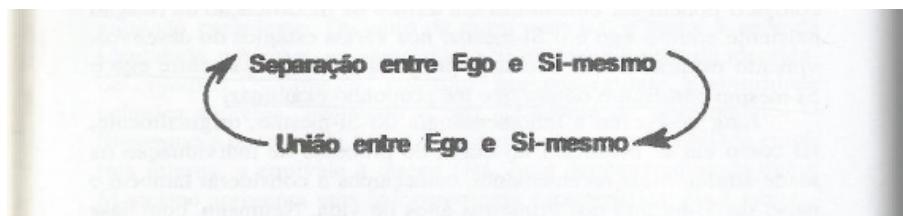
“Na realidade, as mais ricas fontes do estudo fenomenológico do Si-mesmo são as inúmeras representações que o homem faz da divindade.” Pg. 22

“A relação entre o ego e Si-mesmo é altamente problemática e corresponde, de maneira bastante aproximada, à relação entre o homem e seu Criador, tal como é descrita na mítica religiosa.” Pg. 22- 23

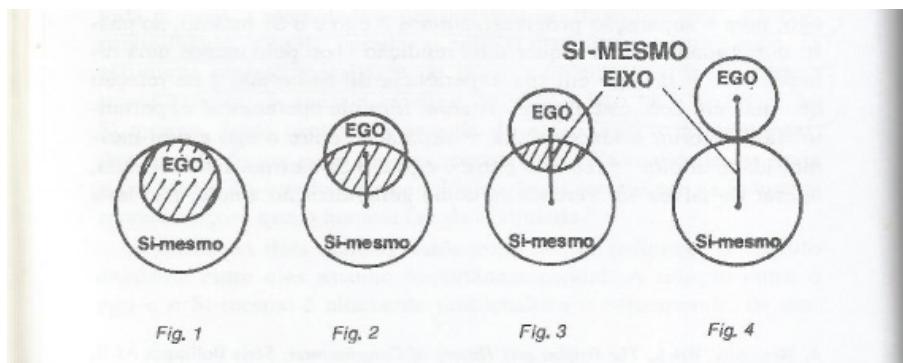
“O mito pode ser visto, na verdade, como expressão simbólica da relação entre o ego e o Si-mesmo.” Pg. 23

“De modo geral, os psicólogos analíticos admitem que a função da etapa que antecede a idade adulta envolve o desenvolvimento do ego, com a separação progressiva entre o ego e o Si-mesmo, ao passo que a idade adulta requer uma rendição – ou pelo menos uma relativização – do ego em sua experiência do Si-mesmo e na relação que mantém com este último.” Pg. 23

“A atual fórmula operacional é, portanto: fase anterior à idade adulta -> separação entre o ego e o Si-mesmo; a idade adulta -> reunião entre o ego e o Si-mesmo.” Pg. 23



“O processo de alternância entre a união ego-Si-mesmo e a separação ego-Si-mesmo parece ocorrer de forma contínua ao longo da vida do indivíduo, tanto na infância quanto na maturidade.” Pg. 24



“Estes diagramas representam os estágios progressivos da separação ego-Si-mesmo, que se manifestam no decorrer do processo de desenvolvimento psicológico.” Pg. 24

“As áreas sombreadas do ego designam a identidade residual ego-Si-mesmo. A linha que serve à conexão entre o centro do ego e o centro do Si-mesmo representa o eixo ego-Si-mesmo – o vínculo vital que faz a ligação entre o ego e o Si-mesmo e que assegura a integridade do ego.” Pg.25
“Deve-se compreender que estes diagramas servem ao objetivo de ilustrar um aspecto particular do assunto em pauta e, por conseguinte, são imprecisos com referência a outros aspectos desse mesmo assunto.” Pg. 25

“A figura 1 corresponde ao estado urobórico srinal postulado por Neumann. Nada existe além do Si-mesmo-mandala. O germe do ego só se faz presente como potencialidade. O ego e o Si-mesmo são um só; Isso significa que o ego não existe. Temos aqui o estado total da identidade básica entre o ego e o Si-mesmo.” Pg. 25

“A figura 2 mostra um ego emergente, que começa a separar-se do si-mesmo, mas que ainda tem seu centro e área maior numa identidade básica com o Si-mesmo.” Pg. 25

“A figura 3 apresenta um estágio mais avançado de desenvolvimento; todavia, permanece ainda uma identidade ego-Si-mesmo residual. O eixo ego-Si-mesmo, que nos dois primeiros diagramas era completamente inconsciente – e, portanto, indistinguível da identidade entre o ego e o Si-mesmo – tornou-se agora parcialmente inconsciente.” Pg. 25

“A figura 4 é um limite teórico ideal, que provavelmente não existe numa situação real. Ela representa um estado de total separação entre o ego e Si-mesmo, assim como uma completa consciência do eixo ego-Si-mesmo.” Pg. 25

2. INFLAÇÃO E TOTALIDADE ORIGINAL

“Uso o termo “Inflação” para descrever a atitude e o estado que acompanham a identificação do ego ao Si-mesmo. Trata-se de um estágio no qual algo pequeno (o ego) atribui a si qualidades de algo mais amplo (o Si-mesmo) e, portanto, está além das próprias medidas.” Pg. 27

“Nascemos num estado de inflação. Na mais tenra infância, não existe ego ou consciência. Tudo está contido no inconsciente. O ego latente encontra-se completamente identificado ao Si-mesmo.” Pg. 27

“O Si-mesmo nasce, mas o ego é construído; e, no princípio, tudo é Si-mesmo.” Pg. 27

“Como o Si-mesmo é o centro e a totalidade do ser, o ego – totalmente identificado ao Si-mesmo – percebe-se como divindade.” Pg. 27

“Muitos mitos descrevem o estado sencinal do Homem como um estado de harmonia, unidade, perfeição ou de vida paradisíaca.” Pg. 27

“Na idade paradisíaca, as pessoas estão em comunhão com os deuses. Isso representa o estado do ego que ainda não nasceu, que ainda não se separou do útero do inconsciente e que, por conseguinte, ainda partilha da plenitude e da totalidade divina.” Pg. 28

“Ser redondo no período inicial da existência, equivale a considerar-se a si mesmo como total e completo e, portanto, como um deus, capaz de todas as coisas.” Pg. 28

“A infância é inocente; mas também é irresponsável.” Pg. 32

“O homem moderno, alienado da fonte do significado da vida, encontra na imagem do homem primitivo um objeto que exerce sobre ele uma forte atração.” Pg. 32

“A vida real do primitivo é suja, degradante e obcecada pelo terror. Não gostaríamos de viver esta realidade sequer por um momento. É o primitivo simbólico que nos atrai.” Pg. 32

“O problema consiste em manter-se a integridade do eixo ego-Si-Mesmo ao mesmo tempo em que se dissolve a identificação do ego ao Si-mesmo. Aí residem todas as disputas entre indulgência e disciplina rigorosa no âmbito da educação infantil.” Pg. 33

“Todavia, algum tempo depois, o mundo começa necessariamente a rejeitar as exigências feitas pela criança. Nesse ponto, a inflação sencinal começa a se dissolver, mostrando-se insustentável diante da experiência. Mas também tem início a alienação; o eixo ego-Si-mesmo é danificado. É criada na criança uma espécie de ferida psicológica incurável, ao longo do processo de aprendizagem de que ela não é a deidade que acreditava ser. Ela é expulsa do paraíso, sendo geradas uma ferida e uma separação permanentes.” Pg. 33

“[...] Há um verdadeiro perigo de que, conforme o ego vai se separando do Si-mesmo, o vínculo vital que os liga seja danificado. Se isso ocorrer de forma ampla, estaremos alienados do nosso próprio íntimo, estando em terreno preparado para o surgimento de enfermidades de caráter psicológicos.” Pg. 34

“Explosões de ira são exemplos de estados inflados. A tentativa de forçar e coagir o ambiente em que se está constitui a motivação predominante na ira.” Pg. 36

“A ânsia de vingança também é identificação com a divindade.” Pg. 37

“A vingança é minha; disse o Senhor”

“Todo o conjunto das tragédias gregas descreve as consequências fatais do fato de o homem tomar em suas próprias mãos a vingança de Deus.” Pg. 37

“A motivação para o poder de todos os tipos é sintoma de inflação. Toda vez

que agimos motivados pelo desejo de poder, a onipotência está implícita. Mas a onipotência é um atributo que só Deus tem. A rigidez intelectual que tenta igualar suas próprias verdades ou opiniões com a verdade universal também é inflação. É a suposição da onisciência. A luxúria e todas as operações de puro princípio do prazer constituem igualmente inflação. Todo desejo que dê à sua própria satisfação um valor central transcende os limites da realidade do ego e, em consequência, assume os atributos dos poderes transpessoais.” Pg. 37

“Praticamente todos nós, no íntimo, contamos com um resíduo de inflação que se manifesta como ilusão de mortalidade.” Pg. 37

“Por conseguinte, quando chegamos bem perto da morte, passamos por uma experiência bastante significativa em termos de despertar. Percebemos突然 quanto precioso é o tempo, justamente por ser limitado.” Pg. 37

Sobre uma experiência de morte:

“Tal experiência pode dar início a um novo avanço em nosso desenvolvimento, pois, nela, uma área da identidade ego-Si-mesmo foi dissolvida, liberando uma nova quantidade de energia psíquica para o consciente.” Pg. 37

“Pode-se descrever a inflação negativa como uma identificação com a vítima da divindade – um sentimento excessivo e sem peias de culpa e de sofrimento.” Pg. 37

“Na realidade, a colocação em si mesmo de um excesso de qualquer coisa é indício de inflação, pois transcende os adequados limites humanos.” Pg. 37

“A humildade demasiada, assim como o excesso de arrogância; o excesso de amor e de altruísmo, assim como uma busca excessiva de poder ou excesso de egocentrismo – Tudo isso são sintomas de inflação.” Pg. 37

3. ADÃO E PROMETEU

Sobre o Jardim do Éden:

“Em resumo, o mito simboliza o nascimento do ego. O efeito desse processo de nascimento é a alienação do ego com relação às suas s̄rcens. O ego agora passa para um mundo de sofrimento, de conflito e de incerteza. Não admita que relutemos ao dar o passo que nos leva a uma maior consciência.” Pg. 42

“Isso significa simplesmente que a consciência, para existir de direito, deve, pelo menos no início, ser antagônica com relação ao inconsciente. Essa percepção nos ensina que todas as teorias psicológicas utópicas, que supõem que a personalidade humana poderia ser integral e saudável se não estivesse sujeita às repressões dos impulsos sexuais e dos instintos, estão erradas.” Pg. 44

“Em outras palavras, a recuperação de nossa unidade perdida só pode ser alcançada mediante a ação de provar e de assimilar integralmente os frutos da c̄onsciença.” Pg. 45

“O tema do encontro com uma cobra ou de ser mordido por uma cobra é comum nos sonhos. Esse último, em geral, tem o mesmo significado de sucumbir à tentação da serpente que se apresentou para Adão e Eva, no jardim do Éden – a perda do antigo estado de coisas e o nascimento de uma nova percepção consciente.” Pg. 46

“É, em geral um sonho de transição, de considerável importância. Da mesma maneira, os sonhos em que cometemos um crime podem apresentar o mesmo

significado do crime s̄rcina do roubo do f ruto.” Pg. 46

“[...] e não é possível alcançar um novo estágio de desenvolvimento psicológico sem ousar desafiar o código do estágio antigo.” Pg. 46

“Assim sendo, o primeiro passo envolve o sentimento de que somos criminosos.” Pg. 46

“Uma atitude desse tipo é uma identificação com a unidade inconsciente srccinal, a vida de provisão, que evita o duro trabalho de tornar real o potencial.” Pg. 46 – 47

“A sequência temporal e a causalidade não se aplicam aos sonhos.” Pg. 48

“Em outras palavras, a cadeia de imagens dos sonhos gira em torno de determinados centros nodais, em lugar de seguirem em linha reta como o pensamento racional.” Pg. 48

“Todo passo dado na direção da individuação é experimentado como um crime contra o coletivo, pois desafia a identificação do indivíduo com algum representante da coletividade, seja a família, o partido, a igreja ou a nação.” Pg. 51

“Ao mesmo tempo, cada um desses passos na qualidade de ato verdadeiramente inflado, e acompanhado não só de culpa mas também do risco bastante real de nos levara a entrar num estado de inflação que acarrete as consequências de uma queda.” Pg. 51

“Talvez se tenha desenvolvido uma reação negativa ou rebelde ao analista. Uma reação desse tipo pode vir acompanhada de uma grande carga de culpa e de ansiedade, particularmente se o analista for alvo da projeção da autoridade Arquetípica.” Pg. 51

4. HYBRIS E NÊMESIS

Sobre sonhos de voar:

“Quando se está acima do solo, o perigo que se corre é o de cair. O choque abrupto com a realidade, simbolizada pela terra, pode ter um perigoso impacto.” Pg. 53

“O mito nos diz, mais uma vez, que a inflação apresenta, como consequência, uma queda.” Pg. 55

“O aspecto a enfatizar depende do indivíduo e da situação em que se encontre.” Pg. 56

Sobre a demora da identificação do ego com o Si-mesmo (Quando dura demasiada)

“[...] Tornam-se um fogo do inferno que nos prende à roda, até que o ego seja capaz de se separar do Si-mesmo e de ver a energia instintiva como objeto de seu prazer pessoal, o ego permanece preso à roda de fogo de Íxion.

” Pg. 56

Sobre hybris:

“Em seu uso sencinal, esse tema significava a violência ou a paixão voluptuosas que emergem do orgulho.” Pg. 57

“*Hybris* representa a arrogância humana que se apropria daquilo que pertence aos deuses. Significa transcender os limites humanos.” Pg. 57

“*Aidos* significa reverência aos poderes suprapessoais, assim como o sentimento de vergonha quando esses poderes são desacatados.” Pg. 58

“*Nêmesis* é a reação provocada pela falta de *Aidos*, ou *hybris*.” Pg. 58

“O temor à boa sorte excessiva encontra-se profundamente entranhado no homem. Há um sentimento instintivo de que os deuses invejam o sucesso humano. Sob o prisma psicológico, isso significa que a personalidade consciente não pode ir muito longe sem considerar o inconsciente.” Pg. 59

“Uma interpretação que reduza um conteúdo psíquico às suas fontes infantis constitui uma rejeição do seu significado consciente e óbvio, e por isso levo

o paciente a sentir-se diminuído e rejeitado.” Pg. 63

CAPÍTULO DOIS – O EGO ALIENADO

O próprio perigo suscita o poder salvador. – Holderlin

1. O EIXO EGO-SI-MESMO E O CICLO DA VIDA PSÍQUICA

“Os encontros com a realidade frustram as expectativas infladas e provocam um estranhamento entre o ego e o Si-mesmo. Esse estranhamento é simbolizado por imagens como queda, exílio, ferida sem cura, tortura perpétua.” Pág. 65

“Evidentemente, quando essas imagens entram em jogo, o ego não foi só castigado, mas também ferido.” pg. 65

“A danificação do eixo ego-Si-mesmo impede ou destrói a conexão entre consciente e inconsciente e provoca a alienação do ego com relação à sua srcem e fundamento.” pg. 67

“Toda imagem arquetípica traz consigo um aspecto parcial do Si-mesmo. No inconsciente, não há separação de coisas diferentes.” Pág. 67

“Por trás do problema da sombra ou do *animus*, assim como de um problema de figura parental, espreita o Si-mesmo.” pg. 67

“Por conseguinte, quando lidamos com qualquer problema psicológico sério, lidamos basicamente, com a questão do relacionamento entre o ego e o Si-mesmo. Isso é válido, em especial, na psicologia infantil.” pg. 67

“O Si-mesmo constitui um determinante interno *a priori*. Todavia ele não pode emergir sem que haja um relacionamento pais-filho concreto.” Pág. 68

Λ Neumann chama isso de “evolução pessoal do arquétipo”

“No decorrer dessa fase, em que a experiência do Si-mesmo toma a forma de projeção, é provável que o eixo ego-Si-mesmo esteja extremamente vulnerável a danos provocados por fatores ambientais adversos. Nesse período, não é possível distinguir entre interior e exterior. Por conseguinte, a incapacidade de experimentar aceitação ou vínculo é sentida como algo idêntico à perda de aceitação por parte do Si-mesmo. Em outras palavras, o

eixo ego-Si-mesmo sofreu um dano, o que provocou uma alienação entre o ego e o Si-mesmo. A parte separou-se do todo. Essa experiência da rejeição parental de algum aspecto da personalidade da criança faz parte da anamnese de quase todos os pacientes da psicoterapia. Designo pela palavra rejeição

não o treinamento e a disciplina necessários da criança, que lhe ensinam a refrear a cobiça primitiva, mas a rejeição parental que se origina da projeção da sombra dos pais sobre a criança. Trata-se de um processo inconsciente experimentado pela criança como algo não-humano, total e irreversível.”
Pág. 68

“É algo que parece vir de uma divindade implacável. Essa aparência tem duas faces. Em primeiro lugar, a projeção do Si-mesmo nos pais, feita pela criança, atribuirá às ações destes uma importância transpessoal. Em segundo lugar, o pai rejeitador – que funciona inconscientemente – estará agindo em sua própria área de identidade ego-Si-mesmo e ficará, portanto, inflado numa identificação com a divindade. A consequência disso, do ponto de vista da criança, é um dano infligido ao seu eixo ego-Si-mesmo, e que lhe pode afetar permanentemente a psique.” Pág. 68 -69

Sobre o Si-mesmo: “Como inclui a totalidade, deve ser capaz de aceitar todos os elementos da vida psíquica, por mais antitéticos que possam ser. O sentimento de ser aceito pelo Si-mesmo dá ao ego força e estabilidade. Esse sentimento de aceitação é veiculado para o ego através do eixo ego- Si-mesmo. Um sintoma de danificação desse eixo é a falta de autoaceitação.” Pág. 69

“Os pacientes cujo eixo ego- Si-mesmo se encontra danificado se impressionam mais, na psicoterapia, pela descoberta de que o psicoterapeuta os aceita.” Pág. 69

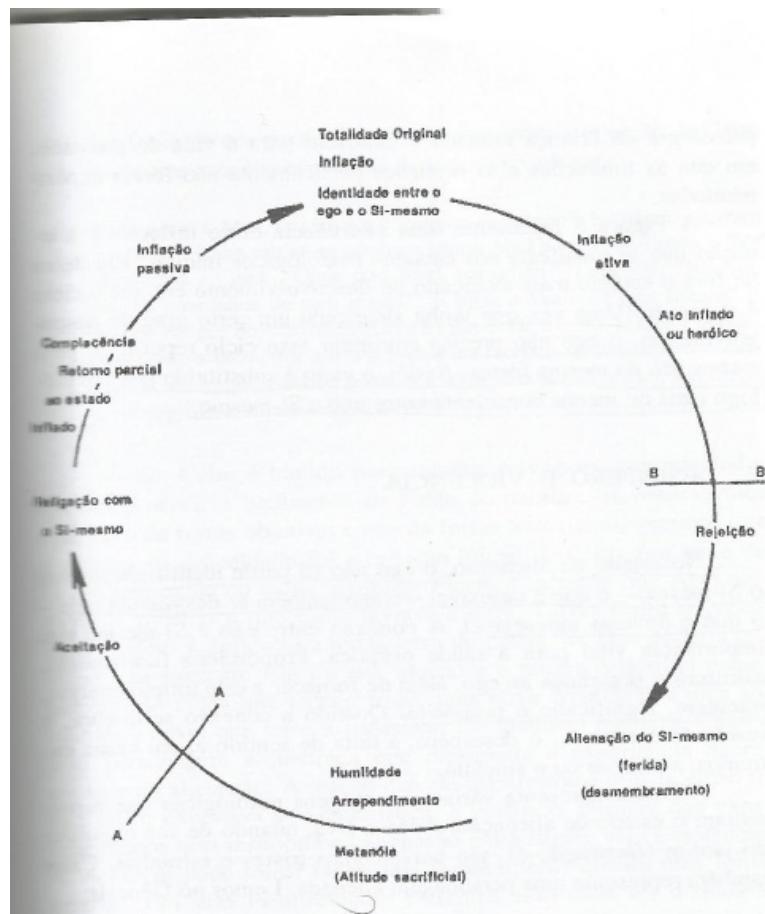
“Todavia, se a aceitação do terapeuta puder ser reconhecida como fato, aparece prontamente uma poderosa transferência. A fonte dessa transferência parece ser a projeção do Si-mesmo, especialmente em sua função de órgão de aceitação.” Pág. 69

“O terapeuta como pessoa torna-se o *centro* da vida e dos pensamentos do paciente.” Pág. 69

“Os encontros com o terapeuta serão experimentados como um contato rejuvenescedor com a vida, um contato que veicula um sentimento de esperança e de otimismo.” Pág. 69

“A experiência de aceitação não só repara o eixo ego-Si-mesmo, como reativa a identidade residual entre eles. Isso deve ocorrer desde que o eixo ego-Si-mesmo esteja completamente inconsciente.” Pág. 70

“Assim, emergirão atitudes infladas, expectativas possessivas, etc., que evocam uma rejeição adicional por parte do terapeuta ou do ambiente. O eixo ego-Si-mesmo será danificado mais uma vez, produzindo-se, desse modo, um estado de relativa alienação. Tanto em psicoterapia como no desenvolvimento natural, o ideal é que ocorra uma dissolução progressiva da identidade entre o ego e o Si-mesmo, de uma forma suave o bastante para não danificar o eixo ego-Si-mesmo. Na realidade, essa condição desejável raramente ocorre.” Pág. 70



“Como indica o diagrama, o crescimento psíquico envolve uma série de atos inflados ou heroicos. Esses atos provocam a rejeição e são seguidos da alienação, do arrependimento, da restituição e de uma inflação renovada.

Esse processo cíclico se repete várias vezes nas primeiras fases do desenvolvimento psicológico e cada ciclo produz um incremento da consciência. Assim, a consciência vai sendo construída aos poucos. Todavia, o ciclo pode dar errado. Ele está sujeito a distúrbios, especialmente nas fases iniciais da vida. Na infância, o vínculo entre a criança e o Si-mesmo é, em

grande parte, idêntico ao vínculo entre a criança e os pais. Portanto, se esse último relacionamento for defeituoso, o contato da criança com seu centro interno do ser padecerá de um defeito idêntico. Esse fato torna as primeiras relações familiares extremamente importantes para o desenvolvimento da personalidade. Se as relações familiares interpessoais forem muito danosas, o ciclo pode ficar interrompido quase por completo. Ele pode interromper-se em dois lugares.” Pág. 70 (Pontos A e B da Figura 5)

“Pode surgir um bloqueio, se não houver uma aceitação e uma renovação do amor suficientes no Ponto A (Figura 5). Se a criança não for plenamente aceita depois de ser punida por mau comportamento, o ciclo de crescimento pode sofrer um curto-circuito. Em lugar de completar o ciclo e de alcançar uma posição de repouso e aceitação, o ego da criança pode ver-se aprisionado numa oscilação estéril entre inflação e alienação, que cria, cada vez mais, frustração e desespero.” Pág. 71

“Outro ponto que pode ocorrer bloqueio é o Ponto B. Se o ambiente da criança for indulgente a ponto de privá-la de toda e qualquer experiência significativa de rejeição, se seus pais jamais disserem “Não”, ocorre igualmente um curto-circuito no ciclo. Toda a experiência de alienação, que traz consigo a consciência, terá sido omitida e a criança terá obtido aceitação de sua inflação.” Pág. 71

“Uma vez que tenha alcançado certo grau de desenvolvimento, o ego não precisa continuar esse ciclo repetitivo, pelo menos não da mesma forma. Assim, o ciclo é substituído por um diálogo mais ou menos consciente entre ego e Si-mesmo.” Pág. 72

2. DESESPERO E VIOLÊNCIA

“No estado de alienação, o ego não só perde identificação com o Si-mesmo – o que é desejável – Como também se desvincula dele – o que é deveras indesejável.” Pág. 72

“A conexão entre ego e Si-mesmo tem importância vital para a saúde psíquica. Proporciona fundamento, estrutura e segurança ao ego, além de fornecer a este último energia, interesse, significado e propósito.” Pág. 72
“Quando a conexão se quebra, o resultado é o vazio, o desespero, a falta de sentido e, em casos extremos, a psicose ou o suicídio.” Pág. 72

“Caim é uma personagem arquetípica que representa a experiência da rejeição e da alienação. A reação que ele manifestou a uma rejeição irracional e excessiva é característica: a violência. Sempre que experimentamos uma insuportável alienação e desespero, vem a violência.” Pág. 73

“O ponto crucial é que, na raiz de todas as formas de violência, reside a experiência de alienação – Uma rejeição muito difícil de suportar.” Pág. 73
“A alienação não é um beco de saída. Podemos alimentar a esperança de que ela leve a uma consciência maior com relação às alturas e profundidades da vida.” Pág. 79

3. A ALIENAÇÃO E A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA

“Da mesma forma como a experiência da inflação ativa representa um complemento necessário do desenvolvimento do ego, a experiência da alienação constitui um prelúdio necessário à consciência do Si-mesmo.”
Pág. 79

“Por essa razão, a experiência do si-mesmo sempre representa a derrota do ego.” Jung, C. G., *Mysterium Conjunctionis*, C. W., Vol. 14, par. 778.
(Encontrei na pág. 81 do livro)

“Isso significa, em termos psicológicos, que a experiência do aspecto de suporte da psique arquetípica tem mais probabilidades de ocorrer quando o ego exauriu seus recursos próprios e está consciente de que, por si mesmo, é essencialmente incapaz: “O limite do homem é a oportunidade de Deus”. ”
Pág. 81

“Enquanto estiver identificado inconscientemente com Deus, o indivíduo não pode experimentar Sua existência. Mas o processo de separação entre o ego e o Si-mesmo causa alienação, pois a perda da identidade ego-Si-mesmo envolve igualmente a danificação do eixo ego-Si-mesmo. Surge daí a típica “noite escura do espírito” que precede a experiência numinosa.” Pág. 85

“Seu sentimento de ser o homem mais culpado da terra é uma inflação negativa. Todavia, é igualmente alienação.” Pág. 87

“Nos casos em que a criança experimenta um grau sério de rejeição por parte dos pais, o eixo ego-Si-mesmo é danificado e a criança fica predisposta, na idade madura, a estados de alienação que podem alcançar dimensões insuportáveis.” Pág. 87

“Essa linha de acontecimentos decorre de a criança experimentar a rejeição parental como uma rejeição por parte de Deus. Essa experiência é incorporada à psique como alienação permanente entre o ego e o Si-mesmo.” Pág. 87

“No contexto da psicologia cristã, a experiência de alienação é entendida, de modo geral, como uma punição divina de pecados.” Pág. 87

4. A RECONSTRUÇÃO DO EIXO EGO-SI-MESMO

“Há um quadro muito típico, muito comum na prática psicoterapêutica, que pode ser denominado neurose da alienação. Um indivíduo portador dessa neurose tem muitas dúvidas com relação ao seu direito de existir. Apresenta-se com um profundo sentimento de falta de valor, com todos os sintomas

daquilo que costumamos designar por complexo de inferioridade. O indivíduo supõe, inconscientemente e automaticamente, que tudo que vem dele mesmo – seus desejos, necessidades e interesses mais profundos – deve estar errado ou, de alguma forma, deve ser inaceitável. Diante dessa atitude, a atitude psíquica é represada e deverá emergir sob formas encobertas, inconscientes ou destrutivas, tais como sintomas psicossomáticos, ataques de ansiedade ou de afeto primitivo, depressão, impulsos suicidas, alcoolismo, etc. Fundamentalmente, um paciente desses enfrenta o problema de saber se é ou não é perdoado diante de Deus.” Pág. 90 – 91

“A pessoa alienada sente-se profundamente não perdoada e dificilmente tem condições de agir em favor do seu melhor interesse. Ao mesmo tempo, ela perde a sensação de significado. A vida torna-se vazia de conteúdo psíquico.” Pág. 91

“Para haver a ruptura de estado alienado, é necessário restabelecer algum contato entre o ego e o Si-mesmo. Se isso for possível, um mundo completamente novo vai se abrir para a pessoa.” Pág. 91

“Mesmo para o homem “normal” a alienação constitui uma experiência necessária para que o desenvolvimento psicológico tenha continuidade, pois a identidade ego-Si-mesmo é tão universal quanto o pecado original.” Pág.

CAPÍTULO TRES – ENCONTRO COM O SI-MESMO

Encaro essa vida como o percurso de uma essência real; a alma apenas deixa sua corte para ver o país. Os céus têm em si uma representação da terra e se a alma se tivesse contentado com idéias, não teria viajado para além do mapa. Mas padrões excelentes recomendam seus gestos... mas enquanto lhes exploraq a assimetria, ela q forma, Assim, sua descendência reproduz o srmal. Deus, no amor à Sua própria beleza, forma um espelho, para vê-la refletida.

1. O PAPEL DO COLETIVO

“Vimos que os estados de inflação e de alienação, que fazem parte do ciclo da vida psíquica, tendem a tornar-se alguma outra coisa.” Pág. 97

“O estado inflado, quando produtivo, leva a uma queda e, portanto, à alienação. A condição alienada, da mesma maneira, leva em condições normais, a um estado de cura e de restauração.” Pág. 97 – 98

“A condição alienada, da mesma maneira, leva, em condições normais, a um estado de cura e de restauração. A inflação, ou a alienação, só se tornam condições perigosas quando são separadas do ciclo da vida de que são parte. Se qualquer delas se tornar uma condição estática e crônica de ser, e não uma parte do dinamismo abrangente, a personalidade se verá ameaçada.” Pág. 98

“Todavia, a massa de homens sempre se viu protegida desses perigos através de meios coletivos, convencionais – e, por conseguinte, amplamente inconscientes.” Pág. 98

“Os perigos psíquicos da inflação e da alienação, sob designações diferentes, sempre foram reconhecidos na prática religiosa e na sabedoria popular de todas as raças e épocas. Há muitos rituais pessoais e coletivos cuja existência atende ao propósito de evitar qualquer tendência inflada capaz de provocar a inveja divina.” Pág. 98

“Os tabus encontrados nas sociedades primitivas têm, na maioria dos casos, a mesma base – proteger o indivíduo do estado inflado, do contato com poderes que se podem mostrar grandes demais para a consciência limitada do ego, poderes que podem explodir esta última de forma desastrosa.” Pág. 98

“Em termos psicológicos, o objetivo central de todas as práticas religiosas é manter o indivíduo (ego) vinculado à divindade (Si-mesmo). Todas as religiões são repositórios da experiência transpessoal e de imagens arquetípicas.” Pág. 99

“Estabelece-se na confissão, através da aceitação do padre (em sua qualidade de agente, de Deus), um certo sentimento de retorno a Deus e de religação com Ele.” Pág. 99

“A religião constitui a melhor proteção coletiva disponível contra a inflação e contra a alienação.” Pág. 99 – 100

“Todavia, os métodos coletivos, embora protejam o homem dos perigos das profundezas psíquicas, privam-no, por outro lado, da experiência individual dessas profundezas e da possibilidade de desenvolvimento que essa experiência promove.” Pág. 100

“Desde que uma religião viva possa conter o Si-mesmo e mediar o dinamismo do Si-mesmo junto aos seus membros, haverá pouca necessidade de um encontro pessoal entre o indivíduo e o Si-mesmo. O indivíduo não precisará descobrir sua relação individual com a dimensão transpessoal. Essa tarefa será realizada pela igreja.” Pág. 100

“Trata-se de um perigoso estado de coisas, pois quando essas categorias não existem, o ego é capaz de pensar em si mesmo como sendo tudo ou como não sendo nada. Ademais, quando os arquétipos não têm um recipiente adequado, tal como uma estrutura religiosa estabelecida, eles têm que ir para algum outro lugar, já que são fatos da vida psíquica.” Pág. 100

“As ações pessoais, seculares ou políticas tornam-se carregadas de um valor religioso inconsciente. Isso é muito perigoso, pois sempre que uma motivação religiosa age inconscientemente, surge o fanatismo, com todas as suas consequências destrutivas.” Pág. 100

“Quando a psique coletiva se encontra numa condição estável, a grande maioria dos indivíduos compartilha de um mito ou divindade vivos comuns. Cada um dos indivíduos projeta sua imagem interna de Deus (o Si-mesmo) na religião da comunidade.” Pág. 101

“Portanto, a religião coletiva serve de recipiente do Si-mesmo para uma multidão de indivíduos.” Pág. 101

“Enquanto funcionar de maneira adequada, a igreja protege a sociedade de toda inflação e de toda alienação disseminadas.” Pág. 101

“Embora estável, essa situação tem seus defeitos; O Si-mesmo ou imagem de Deus ainda é inconsciente, ou seja, não é reconhecido como entidade interna, de caráter psíquico.” Pág. 101

“Embora a comunidade de crentes esteja em relação harmoniosa, já que cada um dos seus membros compartilha com os demais de uma mesma projeção, essa harmonia é ilusória e até certo ponto espúria.” Pág. 101

“Os indivíduos estarão, com relação à igreja, num estado de identificação coletiva ou de *participation mystique* e não terão estabelecido nenhuma relação exclusiva e individual com o Si-mesmo.” Pág. 101

“Se a igreja externa perder sua capacidade de conter a projeção do Si-mesmo, teremos chegado à condição que Nietzsche anunciou para o mundo moderno: “Deus está morto!” Toda a energia psíquica e todos os valores dessa ordem, que estavam contidos na igreja, refluem para o indivíduo ativando-lhe a psique e causando-lhe sérios problemas. O que vai acontecer, então? Há várias possibilidades. ” Pág. 101

1. *A primeira possibilidade é que a perda da projeção de Deus na igreja leve o indivíduo a perder, ao mesmo tempo, sua ligação interna como Si-mesmo (Caso 1., Figura 7). Nesse caso, o indivíduo sucumbe a alienação e a todos os sintomas de uma vida vazia e carente de sentido, tão comuns nos dias de hoje.* ” Pág. 101
2. *A segunda possibilidade é que o indivíduo assuma por si mesmo, com seu próprio ego e suas próprias capacidades, toda a energia anteriormente projetada na divindade (Caso 2., Figura 7). Nesse caso, a pessoa sucumbe a inflação. Vemos exemplos disso na *hybris*, que supervaloriza os poderes racionais e manipulatórios do homem e nega o sagrado mistério inerente à vida e à natureza.* ” Pág. 101
3. *A terceira possibilidade é que o valor suprapessoal projetado, que foi retirado do seu recipiente religioso, seja reprojetado em algum movimento secular ou político (Caso 3., Figura 7). Mas os propósitos seculares jamais constituem um recipiente adequado para os conteúdos religiosos. Quando a energia religiosa é aplicada a um objeto secular, temos diante de nós algo que se pode descrever como adoração de ídolos – uma forma espúria e inconsciente de religião. O atual exemplo destacado de reprojeção é o conflito entre capitalismo e comunismo. O comunismo, em particular, é claramente uma religião secular, que tenta, de forma ativa, canalizar as energias religiosas para objetivos seculares e sociais.*

Quando o valor do Si-mesmo é projetado, por grupos opostos entre si, em ideologias políticas conflitantes, temos uma situação semelhante à da quebra da totalidade srinal do Si-mesmo em fragmentos antitéticos que lutam entre si. Nesse caso, as antinomias do Si-mesmo ou Deus passam a atuar na história. Ambos os lados de um conflito partidário derivam sua energia da mesma fonte, o Si-mesmo ou Deus passam a atuar na história. Ambos os lados de um conflito partidário derivam sua energia da mesma fonte, o Si-mesmo comum; mas inconscientes disso, eles estão condenados a viver o conflito trágico na própria vida. O próprio Deus é enredado nas malhas do conflito sombrio.” Pág. 104

4. *A quarta forma possível de lidar com a perda da projeção religiosa é ilustrada no Caso 4 (Figura 7). Se, quando restituído a si mesmo através da perda do valor religioso projetado, puder enfrentar as questões ultimas da vida que são colocadas diante dele, o indivíduo poderá ser capaz de usar essa oportunidade para empreender um desenvolvimento decisivo na consciência. Se tiver condições de trabalhar de forma consciente e responsável com a ativação do inconsciente, poderá descobrir o valor perdido, a imagem de deus, na própria psique. Essa possibilidade é representada, no diagrama, pelo círculo que agora tem uma parcela maior de si mesmo fora do arco da inconsciência. A conexão entre o ego e o Si-mesmo é agora realizada conscientemente. Nesse caso, a perda de uma projeção religiosa serviu a um propósito salutar; foi o estímulo que levou ao desenvolvimento de uma personalidade individuada. ”Pág. 106*

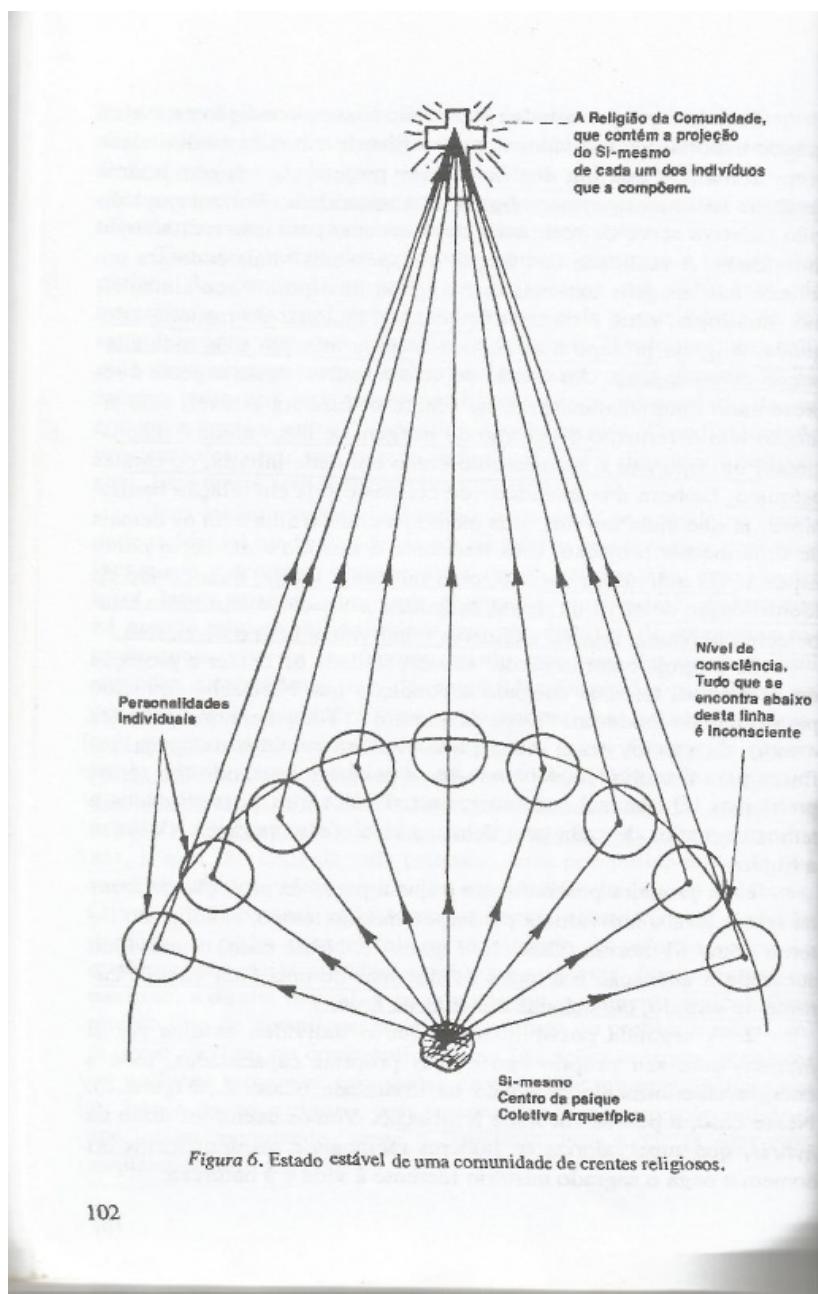
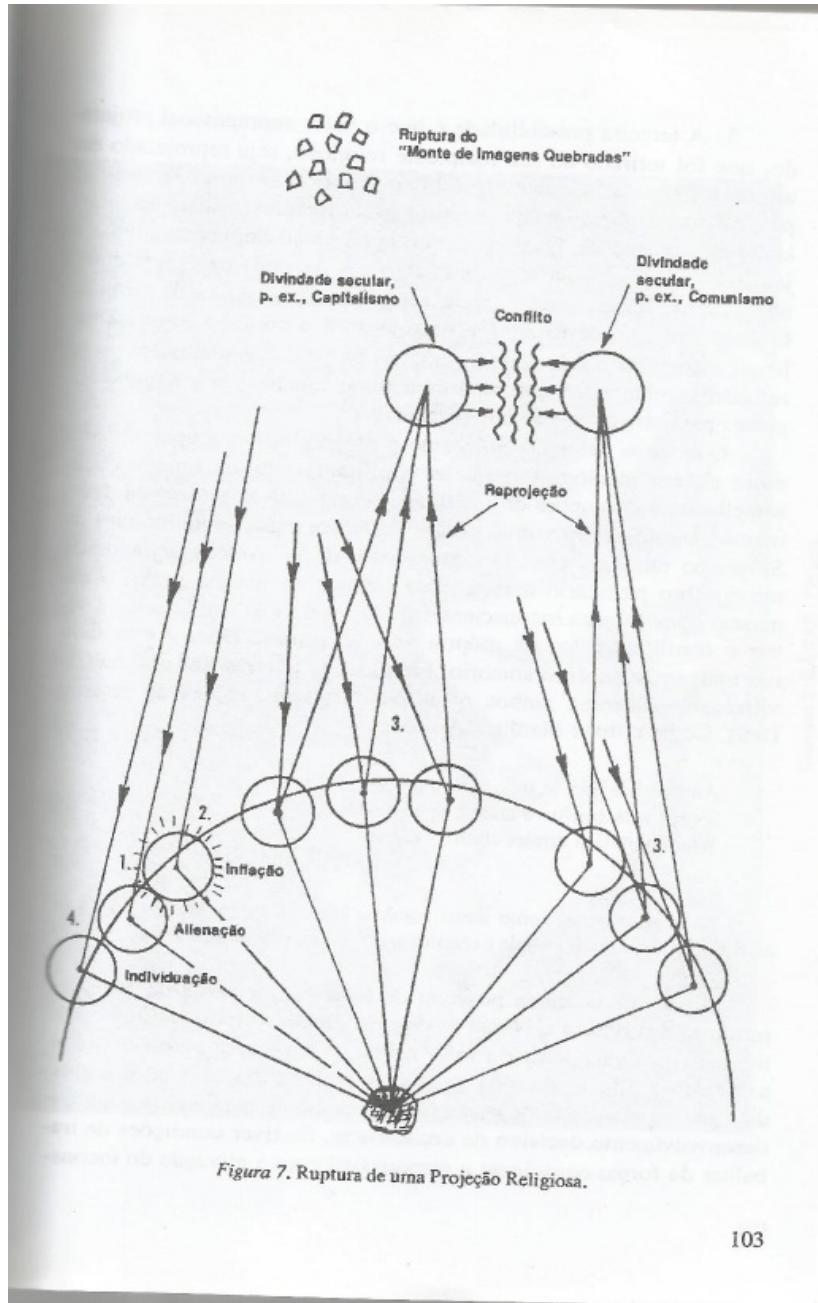


Figura 6. Estado estável de uma comunidade de crentes religiosos.



2. A IRRUPÇÃO

“Em determinado ponto do desenvolvimento psicológico, normalmente após uma intensa experiência de alienação, o eixo ego-Si-mesmo, de repente, passa à consciência. É alcançada a condição descrita na Figura 5. O ego torna-se consciente, em termos de experiência, da existência de um centro transpessoal a que está subordinado.” Pág. 107 – 108

“O mito e a religião fornecem muitas imagens que simbolizam esse momento de irrupção. Sempre que o homem encontra conscientemente um agente divino que assiste, comanda ou dirige, podemos compreender esse encontro como o encontro entre o ego e o Si-mesmo.” Pág. 108

“O encontro geralmente ocorre no ermo ou num estado de fuga, isto é, num estado de alienação. Moisés era fugitivo da lei e cuidava das ovelhas do seu sogro, nas montanhas desertas quando Javé lhe dirigiu a palavra a partir do tufo de sarça em chamas e lhe deu a atribuição de toda a sua vida. (Êxodo 3).” Pág. 108

“Quando uma mulher (ou a *anima* na psicologia de um homem) encontra o Si-mesmo, esse encontro costuma exprimir-se como um poder celestial fecundante.” Pág. 109

“Aquilo a que odiamos apaixonadamente constitui certamente um aspecto do nosso próprio destino.” Pág. 118

3. O LIVRO DE JÓ

“O livro de Jó oferece um amplo relato simbólico de um encontro com o Si-mesmo. Jung escreveu a respeito em sua *Resposta a Jó*. Nesse livro, Jung trata da história de Jó como um ponto decisivo no desenvolvimento coletivo do mito hebreu-cristão, um ponto que envolve uma evolução da imagem de Deus ou do Arquétipo do Si-mesmo. O encontro de Jó com Javé é considerado uma representação de uma transição decisiva da consciência do homem com relação à natureza de Deus. Esse fato exigiu, por sua vez, uma resposta de Deus que levou à Sua humanização e, no final das contas, à Sua encarnação como Cristo. A história de Jó também pode ser considerada sob outra perspectiva, a saber, como descrição de uma experiência individual, em que o ego experimenta seu primeiro encontro consciente importante com o Si-mesmo.” Pág. 118

“O atual texto do livro de Jó é um documento composto e não temos condições de determinar se decorre efetivamente da experiência real de um indivíduo. Todavia, é bem provável que isso seja verdade e, nas observações a seguir, considerarei que o texto descreve uma experiência individual de imaginação ativa. Trata-se de um processo em que a imaginação e as imagens que gera são experimentadas como algo distinto do ego – um “tu” ou um “outro” – com quem o ego pode estabelecer uma relação e manter um diálogo.” Pág. 118 - 119

“Se os humores e afetos da pessoa, que assinalam o ponto de partida do esforço da imaginação ativa, forem considerados fortuitos ou decorrentes de causas exclusivamente externas ou fisiológicas, não haverá base para buscá-lhes o significado psicológico.” Pág. 119

“O conhecimento de que há um significado psicológico só é adquirido através da experiência. No início, é necessário ter pelo menos fé suficiente para estar disposto a tomar a proposição de significado psicológico como hipótese a testar.” Pág. 119 (*sobre imaginação ativa*)

“A serpente desempenhou o mesmo papel junto a Adão e Eva no Jardim do Éden. É igualmente similar à situação do Éden o fato de a provação de Jó ter tomado a forma de uma tentação. Ele deverá ser tentado a blasfemar contra Deus. Isso significaria, psicologicamente, que o ego está sendo tentado a inflar-se, a colocar-se acima dos desígnios de Deus, isto é, a identificar-se com o Si-mesmo.” Pág. 120

“Se for possível identificar propósitos anteriores através da análise dos efeitos, poderemos dizer que o propósito de Deus foi tornar Jó consciente de Sua existência.” Pág. 120

“Aparentemente, o Si-mesmo precisa da percepção consciente e é obrigado, pela urgência da individuação, a tentar o ego e a testá-lo com o fito de provocar a plena consciência do ego com relação à existência do Si-mesmo.” Pág. 120

“Quando um ego se encontra particularmente inflado, tal como é representado na torre, a irrupção das energias vindas do Si-mesmo pode ser perigosa. O aparecimento do Si-mesmo inaugura uma espécie de “juízo final” (*Ilustração 24*). Sobrevive apenas o que for sólido e estiver fincado na realidade.” Pág. 122

“O significado da vida de Jó estava ligado, evidentemente, à família, à propriedade e à saúde. Ao ser privado disso, ele ficou desesperado e penetrou na noite escura do espírito.” Pág. 122

“Esse tipo de mistura contaminada de coisas diferentes constitui algo comum no processo de imaginação ativa.” Pág. 125

“Jó está convicto de sua inocência e retidão, e portanto, inconsciente da sombra.” Pág. 127

“O processo de individuação requer a aceitação consciente e a assimilação do lado sombrio, inferior.” Pág. 131

“Em outras palavras, dizem-lhe que sacrifique o intelecto, que se comporte como alguém menos consciente do que é. Esse comportamento representaria a regressão e ele, com razão, o rejeita. Jó preferiria querer-se a Deus, perguntando-lhe, com efeito. “Se és um pai amoroso e bom, por que não agis como tal?” Ao atrever-se a discutir com Deus, não há dúvida que Jó, sob determinado ponto de vista, está agindo de forma inflada. Mas o contexto global mostra que essa inflação é necessária e controlada; é essencial para um encontro com Deus.” Pág. 131 - 132

“Uma inflação fatal teria ocorrido se ele seguisse o conselho da esposa para blasfemar contra Deus e morrer. Mas Jó evita os extremos. Não sacrifica o grau de consciência que atingiu, mas também não blasfema contra Deus.

Continua contestando o significado de sua provação e não descansará enquanto não souber a razão de estar sendo punido.” Pág. 132

“É claro que o inconsciente de Jó tentou corrigir sua atitude consciente, através dos sonhos, mas sem sucesso.” Pág. 133

“É interessante descobrir nesse texto antigo uma descrição da função compensatória dos sonhos cuja existência só recentemente foi demonstrada por Jung.” Pág. 133

“As perguntas de Jó foram respondidas, não de forma racional, mas através da experiência vivida. Ele encontrou o que procurava: o significado do seu sofrimento.” Pág. 137

“Esse significado é nada menos que a percepção consciente da psique arquetípica autônoma; e essa percepção só pode ocorrer mediante a provação.” Pág. 137

“Os favoritos de Deus são submetidos às mais severas provações, isto é, o potencial para a individuação constitui a causa do teste.” Pág. 138

“Tendo experimentado o centro transpessoal da psique, o ego reconhece sua posição subordinada e está preparado para servir a totalidade e aos seus filhos, em lugar de fazer exigências pessoais. Jó tornou-se um ego individuado.”
Pág. 142 – 143

4. O EGO INDIVIDUADO

“A individuação é um processo e não um alvo alcançado.” Pág. 143

“Cada novo nível de integração deve submeter-se a uma nova transformação para que o desenvolvimento se realize.” Pág. 143

“De modo geral, a necessidade de individuação produz um estado em que o ego mantém uma relação com o Si-mesmo sem estar identificado com ele. Surge desse estado um diálogo mais ou menos contínuo entre o ego e o inconsciente, assim como entre a experiência externa e a experiência interna.” Pág. 143

“A dicotomia entre a realidade externa e a interna é substituída por um sentimento de realidade unitária.” Pág. 143

“As idéias e imagens que representam o infantilismo, num dado estágio do desenvolvimento, representam, noutro estágio, a sabedoria. As imagens e atributos do Si-mesmo são agora experimentados como coisas distintas do ego e situados acima dele. Essa experiência traz consigo a percepção de que não se é dono da própria casa. ” Pág.143

“A pessoa toma consciência de que há uma orientação interna autônoma, distinta do ego e, com frequência, antagônica a ele. Uma tal consciência às vezes constitui um alívio, outras vezes representa uma carga. ” Pág. 143 – 144

“O homem moderno necessita urgentemente restabelecer um contato significativo com a camada primitiva da psique. ” Pág. 146

“Refiro-me ao modo primitivo de experiência, que vê a vida como um todo orgânico. ” Pág. 147

“Nos sonhos, a imagem de um animal, de um ser primitivo ou de uma criança, normalmente, é uma expressão simbólica da fonte de ajuda e de cura. ” Pág. 147

“Com frequência, nos contos de fada, é um animal que mostra a saída de uma dificuldade ao herói. ” Pág. 147

“Através do primitivo e da criança que existem em nós, estabelecemos uma ligação com o Si-mesmo e nos curamos do estado de alienação. ” Pág. 147

“Devemos aprender a aplicar os modos primitivos de experiência de forma psicológica, ao mundo interno, e não fisicamente, em nossas relações com o

mundo externo. ” Pág. 147

“A atitude primitiva em nossa relação com o mundo externo é sinônimo de superstição; mas ser primitivo com relação ao mundo interno da psique é sinônimo de sabedoria. ” Pág. 147

Até hoje, Deus é o nome pelo qual designo tudo que se atravessa no caminho de minha obstinação de forma violenta e atrevida, tudo que atrapalha minhas opiniões, planos e intenções subjetivos e muda o curso da minha vida, para o bem ou para o mal. – Jung

“Ele designa por “Deus” aquilo que a maioria chama de acaso ou acidente. ”

Pág. 147

“Para o primitivo, tudo está saturado de significação psíquica e tem vínculos ocultos com os poderes transpessoais.” Pág. 148

“O acaso, como categoria da experiência, é um sintoma de vida alienada. Para o homem ligado ao Si-mesmo, tanto quanto para a criança e para o primitivo, o acaso não existe.” Pág. 148

“Nos estágios iniciais do desenvolvimento psicológico, Deus está oculto – no esconderijo mais engenhoso que há – na identificação que temos com nós mesmos, com nosso próprio ego.” Pág. 149

“Para o homem moderno, um encontro consciente com a psique arquetípica autônoma equivale à descoberta de Deus.” Pág. 151

PARTE II – A INDIVIDUAÇÃO COMO MODO DE EXISTÊNCIA

...A função dos esforços humanos ... (é) estabelecer, em cada um de nós, e por meio de cada um de nós, um centro absolutamente singular em que o universo se reflete de forma exclusiva e inimitável. – Pierre Teilhard de Chardin

CAPÍTULO QUATRO – A BUSCA DE SIGNIFICADO

A condição de todo homem é a solução hieroglífica das perguntas que ele gostaria de fazer. Ele representa essa condição como vida, antes de apreendê-la como verdade. – Ralph Waldo Emerson

1. A FUNÇÃO DO SÍMBOLO

“Um dos sintomas de alienação na idade moderna é o sentimento disseminado de falta de sentido. Muitos pacientes buscam a psicoterapia não por causa de alguma desordem claramente definida, mas porque sentem que a vida não tem significado.” Pág. 155

“Há, ao lado do declínio da religião tradicional, indícios cada vez maiores de uma desorientação psíquica geral. Perdemos nossas bases. Nossa relação com a vida ficou ambígua.” Pág. 155

“No momento presente, os que têm consciência do problema se vêem obrigados a empreender sua própria busca individual de uma vida significativa. A individuação torna-se seu modo de vida.” Pág. 156

“Os sonhos o mito e as manifestações artísticas transmitem essa sensação de significado subjetivo e vivo, bem diferente do objetivo e abstrato. O fato de não separarem esses dois diferentes usos da palavra “significado” leva as pessoas a fazerem a pergunta sem resposta “Qual é o significado da vida?”. Essa pergunta não pode ser respondida quando feita dessa forma, pois confunde o significado objetivo e abstrato com o subjetivo e vivo. Se a refizermos de modo mais subjetivo, perguntando “Qual é o significado da *minha* vida?”, ela passa a ter condições de ser respondida.” Pág. 156

“As várias pressões da sociedade ocidental instam o indivíduo, sutilmente, a buscar o significado da vida nas coisas externas e na objetividade.” Pág. 157

“[...] em todos esses casos, procura-se o sentido humano onde ele não está: nas coisas externas, na objetividade.” Pág. 157

“O signo é uma unidade de significado que representa uma entidade *conhecida*. A partir dessa definição, a língua é um sistema de signos, e não de símbolos.” Pág. 158

“O símbolo, por outro lado, é uma imagem ou representação que indica algo essencialmente desconhecido, um mistério.” Pág. 158

“O signo veicula um significado vivo, subjetivo, ao passo que o símbolo veicula um significado vivo, subjetivo. O símbolo é dotado de um dinamismo subjetivo que exerce sobre o indivíduo uma poderosa atração e um poderoso fascínio. Trata-se de uma entidade viva e orgânica que age como um mecanismo de liberação e de transformação de energia psíquica. Podemos dizer, portanto, que o signo é morto e o símbolo é vivo.” Pág. 158

“Os símbolos são um produto espontâneo da psique arquetípica. Não é possível fabricar um símbolo; só é possível descobri-lo.” Pág. 158

“Eles transmitem ao ego, consciente ou inconscientemente, a energia vital que apóia, orienta e motiva o indivíduo.” Pág. 158

“Os símbolos penetram no ego, levando-o a identificar-se com eles e a trabalhar com eles inconscientemente; ou passam para o ambiente externo através das projeções, levando o indivíduo a ficar fascinado e envolvido com objetos e atividades externos.” Pág. 159

2. AS FALÁCIAS CONCRETISTA E REDUTIVISTA

“A relação entre o ego e o símbolo constitui um fator extremamente importante. Em geral, há três padrões possíveis de relação entre o ego e o símbolo ou, o que é a mesma coisa, entre o ego e a psique arquetípica:

1. O ego pode identificar-se com o símbolo. Nesse caso, a imagem simbólica será vivida concretamente. O ego e a psique arquetípica serão uma só entidade.

2. O ego pode estar alienado do símbolo. Embora a vida simbólica não possa ser destruída, nesse caso ela funcionará de forma degradada, fora da consciência. O símbolo será reduzido a signo. As necessidades misteriosas e urgentes do símbolo só serão compreendidas em termos de fatores elementares e abstratos.

3. A terceira possibilidade é a desejável. Nesse caso, o ego, embora claramente separado da psique arquetípica, é receptivo aos efeitos das imagens simbólicas. Torna-se possível uma espécie de diálogo consciente entre o ego e os símbolos que emergem. Assim, o símbolo é capaz de realizar sua função própria de liberador e transformador de energia psíquica com a plena participação do entendimento consciente.

” Pág. 159

“Na falácia concretista, que é a mais primitiva, o indivíduo é incapaz de distinguir entre os símbolos da psique arquetípica e a realidade concreta, exterior. As imagens simbólicas interiores são experimentadas como fatos reais, exteriores. Exemplos dessa falácia incluem as crenças animistas dos primitivos, as alucinações e delusões dos psicóticos e as superstições de todos os tipos.” Pág. 159 – 160

“Há risco de se sucumbir à falácia concretista sempre que se é tentado a aplicar uma imagem simbólica a fatos físicos externos, com o propósito de manipular esses fatos em proveito próprio.” Pág. 160

“Os símbolos só exibem efeitos válidos e legítimos quando servem para modificar nosso estado psíquico ou nossa atitude consciente. Seus efeitos serão ilegítimos e perigosos quando aplicados, de forma mágica, à realidade física.” Pág. 160

“A falácia redutivista comete o erro oposto. Nesse caso, a significação do símbolo se perde por ser tomada apenas como signo de algum conteúdo conhecido. A falácia redutivista tem como base a atitude racionalista que supõe poder ver além dos símbolos, descobrindo seu significado “real”. Esta abordagem reduz todas as imagens simbólicas a fatores elementares, conhecidos.” Pág. 160

“Assim, nos termos desta concepção, não pode haver símbolos verdadeiros; há apenas signos.” Pág. 160

“O conflito entre as falácia concretista e redutivista configuram-se como o cerne do conflito contemporâneo entre a visão religiosa tradicional do homem e a chamada visão científica moderna. E como esse é um problema coletivo, todos carregamos um pouco desse conflito dentro de nós.” Pág. 161

“O estado de identificação entre o ego e os símbolos inconscientes dá suporte à falácia concretista.” Pág. 162

“A falácia redutivista tem como base um estado de alienação entre o ego e o simbolismo do inconsciente.” Pág. 162

“O objetivo básico da psicoterapia Junguiana é tornar consciente o processo simbólico.” Pág. 162

“A proposição básica é: um símbolo inconsciente é vivido mas não percebido.” Pág. 162

“O ego, identificado com a imagem simbólica, torna-se vítima dessa imagem, condenado a viver concretamente.” Pág. 162-163

“Quando o ego é identificado com a psique arquetípica, o dinamismo do símbolo só será visto e experimentado como um impulso para a luxúria ou para o poder.” Pág. 163

“Apenas Jung e sua escola conseguiram, até agora, reconhecer o símbolo (e, portanto, a psique arquetípica de que ele é manifestação) tal como funciona quando o ego não está a ele identificado.” Pág. 163

“O Id é o inconsciente considerado, tão-somente, como algo instintivo, sem levar em consideração as imagens que subjazem aos instintos. Quando lida com as imagens, a psicologia freudiana lhes dá uma interpretação redutivista que retorna ao instinto.” Pág. 163

“Essa atitude comum da psicologia moderna, que vê a psique inconsciente unicamente motivada pelos instintos, é, no fundo, anti-espiritual, anticultural e destruidora da vida simbólica.” Pág. 163

“Esses paralelos servem para mostrar que a necessidade do travestismo tem como base a necessidade inconsciente de um contato de apoio com a divindade feminina – o arquétipo de mãe.” Pág. 165

“Na verdade, sempre que falamos da imagem de uma divindade, usamos um símbolo, pois uma divindade, ou poder suprapessoal, não pode ser definida com precisão.” Pág. 165

“Esse modo de interpretação, quando bem-sucedido, pode levar o paciente na direção da vida simbólica. Um sintoma paralisador, produtor de culpa, pode ser substituído por um símbolo significativo e enriquecedor da vida, que é experimentado de forma consciente – e não vivo de forma inconsciente, compulsiva e sintomática.” Pág. 165

“O caso descrito é um exemplo do modo pelo qual um sintoma pode ser transformado em símbolo através da consciência de seus fundamentos arquetípicos. Todo sintoma deriva da imagem de alguma situação arquetípica.” Pág. 165

“A capacidade de reconhecer o arquétipo, de ver a imagem simbólica oculta no sintoma, transforma imediatamente a experiência, que pode permanecer tão dolorosa quanto vinha sendo, mas agora tem sentido.” Pág. 165

“Enquanto estivermos inconscientes da dimensão simbólica da existência, experimentaremos as vicissitudes da vida como sintomas.” Pág. 167

“Os sintomas são estados mentais perturbados que somos incapazes de controlar e que, essencialmente, não têm sentido – isto é, não contêm valor ou significação.” Pág. 167

“Os sintomas são, na verdade, símbolos degradados, degradados pela falácia redutivista do ego. Os sintomas são intoleráveis precisamente porque não têm sentido. Podemos superar quase todas as dificuldades se soubermos discernir seu significado. A falta de sentido constitui a maior ameaça à humanidade.” Pág. 167

“Os estágios psíquicos sucessivos que passamos constituem uma espécie de rosário da vida tanto como uma sucessão de sintomas sem sentido quanto, através da consciência simbólica, como uma série de encontros numinosos entre o ego e a psique transpessoal.” Pág. 167

“Nossos prazeres, assim como nossas dores, serão sintomas quando não tiverem importância simbólica.” Pág. 167

3. A VIDA SIMBÓLICA

“A vida simbólica constitui, de certa forma, um pré-requisito da saúde psíquica.” Pág. 167

“Os sonhos com frequência tentam curar o ego alienado mediante a veiculação de algum sentido a respeito de sua origem.” Pág. 168

“Os sonhos são expressões do eixo ego-Si-mesmo. Todo sonho pode ser considerado uma carta enviada ao Egito para nos despertar. Podemos não ser capazes de ler essa carta, mas pelo menos podemos abri-la e fazer o esforço para a ler.” Pág. 176

CAPÍTULO CINCO – CRISTO COMO PARADIGMA DO EGO INDIVIDUADO

Não estou ... me dirigindo aos felizes possuidores de fé, mas às muitas pessoas para quem a luz se apagou, o mistério desapareceu e Deus está morto. Para a maioria dessas pessoas, não há retorno e nem sequer se sabe se retornar é o melhor caminho. Para obter uma compreensão dos assuntos religiosos, provavelmente tudo que nos resta, nos dias de hoje, é a abordagem psicológica. É por isso que temo de ver que a grande massa de pensamento que em moldes da experiência imediata. – C. G. Jung

1. A ACEITAÇÃO DO ESTADO DE SEPARAÇÃO

“Na realidade, quando se analisa cuidadosamente o mito cristão, à luz da psicologia analítica, não é possível fugir à conclusão de que o significado essencial do Cristianismo é a busca da individuação.” Pág. 185

“Em termos psicológicos, isso significa que Cristo é, simultaneamente, símbolo do Si-mesmo e do ego ideal.” Pág. 185

“Nos relatos evangélicos, o fato pessoal e a imagem arquetípica estão associados tão estreitamente, que é quase impossível distinguir um do outro.” Pág. 185

“Quando o pai pessoal está ausente e, em particular quando esse pai é completamente desconhecido, tal como pode ocorrer com um filho ilegítimo, não há camada de experiência pessoal para mediar entre o ego e a imagem numinosa do pai arquetípico.” Pág. 186

“Fica uma espécie de lacuna na psique, através da qual emergem os poderosos conteúdos arquetípicos do inconsciente coletivo. Essa condição constitui um sério perigo. Ela ameaça inundar o ego com as forças dinâmicas do inconsciente, provocando desorientação e perda de contato com a realidade externa. Se todavia, o ego puder sobreviver a esse perigo, essa “lacuna da psique” torna-se uma janela que fornece percepções a respeito das profundezas do ser.” Pág. 186

“Jesus parece enquadrar-se na descrição aqui apresentada. Ele experimentou uma relação direta com o pai celestial (arquetípico) e descreveu, por meio de numerosas e vivas imagens simbólicas, a natureza do reino dos céus (a psique arquetípica). É evidente, considerando-se seus ensinamentos, que ele tinha uma profunda consciência da realidade da psique. Enquanto a Lei de Moisés só reconhecia a realidade das escrituras, Jesus reconheceu a realidade dos estados psíquicos interiores.” Pág. 186

“Os inimigos de um homem são seus próprios familiares porque estes são as pessoas mais próximas dele e é com elas que ele está mais sujeito a identificar-se inconscientemente. Essas identificações devem ser dissolvidas, pois um dos pré-requisitos da individuação é a consciência de uma separação radical.” Pág. 187

“Trata-se do atingimento da condição solitária, do estado de indivíduo autônomo. Isso só se pode alcançar através da separação da identificação inconsciente com os outros. Nos primeiros estágios, a *separatio* é experimentada com conflito e hostilidade dolorosa. Os pais e a família são os mais frequentes objetos de identificação inconsciente.” Pág. 188

“Não chamar nenhum homem de pai significa retirar todas as projeções do arquétipo do pai e descobri-lo no íntimo. Jesus exige um compromisso com o Si-mesmo que transcende a lealdade de qualquer relacionamento pessoal.” Pág. 188

“Vista simbolicamente, a vida de Cristo é um paradigma que deve ser entendido no contexto de sua própria realidade exclusiva e não algo a imitar de modo servil.” Pág. 189

2. O ENSINAMENTO ÉTICO

“O ensinamento ético de Jesus sempre constituiu um problema. Trata-se claramente de um conselho de perfeição. Se for tomado de modo literal e aplicado sistematicamente ao mundo exterior, será incompatível com a existência material.” Pág. 190

“[...] o ego que tem consciência do seu próprio vazio espiritual (sentido da vida) está numa feliz condição, pois se encontra aberto ao inconsciente e tem possibilidade de experimentar a psique arquetípica (o reino dos céus).” Pág.

191

“Portanto, os que choram são afortunados, pois se encontram envolvidos num processo de crescimento. Eles serão consolados quando o valor projetado, perdido, tiver sido recuperado no interior da psique.” Pág. 191

“*Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra.* Compreendida em termos subjetivos, a mansidão se refere à atitude do ego com relação ao inconsciente. Essa atitude é afortunada, pois está pronta a receber ensinamentos e aberta a novas considerações que podem levar a uma rica herança.” Pág. 191

“*Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados.* [...]. Em termos psicológicos, trata-se de uma lei ou princípio orientador interior, de caráter objetivo, que traz um sentimento de realização do ego que o busca com fome, isto é, um ego vazio que não identifica suas próprias opiniões e julgamentos com a lei interior objetiva.” Pág. 191 – 192

“*Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.* Um dos princípios básicos da psicologia analítica é: o inconsciente assume, com relação ao ego, a mesma atitude que o ego assume com relação ao inconsciente. Se, por exemplo, o ego tem uma atitude delicada e respeitosa

~~para com a sombra, esta última será tíbia ao ego. Se o ego é misericordioso, tomarem da espada, perecerão pela espada.~~” Pág. 192

“Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus. [...]. O ego que tem consciência de sua própria sujeira é puro, e tem aberta a porta para experimentar o Si-mesmo.” Pág. 192

“Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus. O papel apropriado do ego é mediar entre as partes oponentes do conflito intrapsíquico. Se o ego se identifica com um dos lados do conflito, não é possível haver uma solução que leve à totalidade. A dissociação torna-se permanente.” Pág. 192

“Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus. O ego precisa suportar a dor e o sofrimento, sem sucumbir ao amargor e ao ressentimento, para relacionar-se à lei interna objetiva. Uma atitude dessas, por parte do ego, é recompensada pelo contato com a psique arquetípica e com suas imagens dotadas de poder de cura e portadoras de vida.” Pág. 192

“O principal ponto das Bem-aventuranças, entendidas psicologicamente, é a exaltação do ego esvaziado ou não-inflado.” Pág. 192

“De acordo com o ensinamento de Jesus, o ego deve ser esvaziado dessas identificações infladas antes de ser capaz de perceber a psique transpessoal como algo distinto de si.” Pág. 193

“Somos ensinados a amar nosso inimigo interno, a nos reconciliar com o nosso adversário interno e a não oferecer resistência aos elementos do nosso íntimo que consideramos maus (inferiores, inaceitáveis de acordo com os padrões do ego). Com efeito, isso não significa agir com base no impulso

~~puro externamente; refere-se na verdade a uma aceitação interna de caráter psicológico, do lado rejeitado e negativo de nossa própria natureza.~~ Pág. 197

“O oponente interno do nosso ponto de vista consciente deve ser respeitado e tratado com generosidade. A sombra deve ser aceita. Só então se poderá chegar à totalidade da personalidade.” Pág. 197

Dá a quem te pedir e não te desvies daquele que te pedir emprestado. (Mateus 5:42)

“O mendigo interno é o aspecto submetido à privação e negligenciado da personalidade, aquilo que Jung denomina função inferior. Esse aspecto precisa ter seu lugar na consciência e deve receber o que se pede.” Pág. 197

Não acumulei tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem [a tudo] consomem ... mas acumulai tesouros no céu ... (Mateus 6:19-20)

“Em outras palavras, não projete valores psíquicos em objetos externos. Os valores projetados são extremamente vulneráveis à perda (traça e ferrugem). Quando um valor é projetado, a perda do objeto é experimentada como perda do valor interno que carrega. Desfaça essas projeções e reconheça que os valores têm sua sede no mundo interior .” Pág. 198

Não vos preocupeis quanto à nossa vida. Com o que haveis de comer ou com o que haveis de beber. (Mateus 6:25)

“A vida psíquica e o bem-estar não se sustentam com objetos materiais. Estes são necessários mas não constituem recipientes do significado fundamental. A fonte de sustentação psíquica deve ser encontrada no interior.” Pág. 198

Não julgueis, para que não sejais julgados. Pois com o juízo com que julgais sereis julgados, e com a medida com que medirdes sereis medidos. (Mateus 7:1,2)

“Eis uma afirmação explícita do fato de o inconsciente assumir para com o ego a mesma atitude que este assume com relação ao inconsciente. Assim é insensato que o ego presuma que decide, através de suas pré-concepções, o que deve e o que não deve existir na psique. A atitude de julgamento com relação ao inconsciente é uma inflação do ego e sempre se voltará contra ele.” Pág. 198

“Aquilo que libera energia construtiva e promove o bem-estar psíquico é um valor a ser alimentado.” Pág. 199

“A parte perdida é a mais importante porque traz consigo a possibilidade de totalidade. A função inferior, que se perdeu para a vida consciente, precisa ser valorizada de forma especial se o objetivo da pessoa for a totalidade do Si-mesmo. O último torna-se o primeiro e a pedra que os construtores rejeitaram torna-se a pedra angular.” Pág. 199

“Isso tem como significado, em termos psicológicos, que as camadas mais profundas da psique transpessoal são alcançadas através do aspecto indiferenciado, semelhante a uma criança, da personalidade.” Pág. 199

“Todos esses aspectos da sombra psicológica, que para aderir ao ‘Rei’ sombra e a compaixão pelo homem interno inferior equivalem à aceitação do Si-mesmo.” Pág. 200

“O tesouro é o Si-mesmo, o centro suprapessoal da psique. Ele só pode ser descoberto através de um total comprometimento. Ele custa tudo o que se tem.” Pág. 200

Se o teu olho direito te leva a pecar, arranca-o e atira-o longe; é melhor perder um dos membros do que ter todo o corpo lançado ao inferno. E se tua mão direita te leva a pecar, corta-a e atira-a longe; é melhor perder um dos membros que ter todo o corpo lançado ao inferno.

“Do ponto de vista de um ego bem desenvolvido, que busca a totalidade e a cura das dissociações, a imagem do corte de membros ofensivos do corpo não é aplicável. Todavia, numa fase anterior de desenvolvimento, em que o ego ainda se encontra amplamente identificado ao Si-mesmo, a imagem é bem apropriada. Nesse caso, a totalidade srinal inconsciente precisa ser quebrada, precisa submeter-se ao desmembramento. Nesse estágio, requer-se a separação entre ego e sombra para evitar que a personalidade total caia no inconsciente (isto é, vá para o inferno).” Pág. 201

“Cortar a mão direita sugeriria um sacrifício do ponto de vista consciente e da função superior para garantir mais realidade à função inferior e ao inconsciente.” Pág. 201

“O modo pelo qual essas imagens vão ser interpretadas deve levar em conta o estágio de desenvolvimento psíquico da pessoa envolvida.” Pág. 202

3. O EGO ORIENTADO PELO SI-MESMO

“A imagem de Cristo nos dá um quadro vívido do ego orientado pelo Si-mesmo, isto é, o ego individuado que tem consciência de ser dirigido pelo Si-mesmo.” Pág. 202

“Jesus então foi levado pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo demônio”. (Mateus 4:11) Essa sequência de eventos corresponde, em termos psicológicos, à tentação quase irresistível da inflação, que segue a abertura da psique arquetípica (“os céus se abririram”).

“O ego tende a identificar-se com a energia ou sabedoria recém-descoberta e dela se apropria para propósitos pessoais. O motivo da inflação é indicado pela alta montanhã a que Jesus é levado.” Pág. 204

“Apresentam-se três tentações específicas. Primeiramente, é dito a Jesus: “Se tu és o filho de Deus, manda que estas pedras se tornem pães”. Jesus respondeu: “Dizem as escrituras: ‘Nem só de pão viverá o Homem; mas de toda palavra que sai da boca de Deus’”. (Mateus 4:3,4) Essa é a tentação do materialismo, a falácia concretista, que quer aplicar a energia de forma literal ou física. O perigo consiste em buscar a segurança básica no bem-estar físico ou na “verdade” literal e rígida, e não no contato vivo com o centro *psíquico* do ser.” Pág. 204

“[...] “Jesus lhe respondeu: As escrituras dizem também: não testarás o Senhor teu Deus”. (Mateus 4:6,7) Aqui, a tentação consiste em transcender os limites humanos em nome do efeito espetacular. A resposta indica que fazer isso seria desafiar a Deus, isto é, seria um desafio do ego à totalidade, uma inversão de prerrogativas que é, portanto, fatal para o ego.” Pág. 204

“O deus de uma pessoa é o seu valor mais alto. Se se buscar, acima de tudo, o poder pessoal, está-se adorando uma inflação demoníaca, uma adoração que pertence ao Si-mesmo.” Pág. 204

“A tentação de Cristo representa vividamente os perigos do encontro com o Si-mesmo. Todos os graus de inflação, até a psicose clara, podem ocorrer. Um indício valioso do modo como se deve enfrentar o perigo é fornecido pelas respostas de Cristo. Em todos os casos, ele não responde com uma opinião pessoal; ele cita as Escrituras. Isso sugere que apenas a sabedoria transpessoal é adequada para enfrentar a ameaça. A confiança nas próprias ideias, numa crise desse tipo, promoveria a própria inflação que o tentador busca.” Pág. 206

“Isso significa, em termos psicológicos, que devemos buscar o mito ou a imagem arquetípica que exprime sua situação individual. A imagem transpessoal relevante fornecerá a orientação necessária e a proteção contra o perigo da inflação.” Pág. 206

“A preocupação com a honra pessoal e com a força, e o desprezo da fraqueza, são inevitáveis e necessários nos estágios iniciais de desenvolvimento do ego. O ego deve aprender a afirmar-se de forma a vir à existência. Logo, o mito cristão pouco se aplica à psicologia do jovem.” Pág. 211

Sobre a crucificação:

“Esse símbolo nos diz que a experiência de sofrimento, fraqueza e fracasso pertence ao Si-mesmo e não apenas ao ego. O erro quase universal do ego consiste em assumir a responsabilidade pessoal total por seus sofrimentos e fracassos.” Pág. 211

“Todavia, o reconhecimento das experiências de fraqueza e de fracasso como manifestações do deus sofredor em busca de encarnação garante à pessoa um ponto de vista bem diferente.” Pág. 211

“Estar *deprimido* é ser “empurrado para baixo” por um peso de responsabilidade e de auto-expectativas.” Pág. 211

4. O HOMEM COMO IMAGEM DE DEUS

“O ego é o lugar da consciência e, se a consciência cria o mundo, o ego, em seu esforço de auto-realização através da individuação, está fazendo o trabalho criativo de Deus.” Pág. 214

CAPITULO SEIS – SER UM INDIVÍDUO
O único e verdadeiro portador de vida é o indivíduo, e isso ocorre por toda a natureza. C. G. Jung

1. A EXISTÊNCIA A PRIORI DO EGO

“A experiência da individualidade é um mistério do ser que transcende o poder de descrição. Cada pessoa exibe sua própria versão inigualável dessa experiência, que é intransferível como tal. No entanto, a *forma* da experiência é universal e pode ser reconhecida por todos os homens.” Pág. 215

“O Si-mesmo, tal como o inconsciente, é uma existência *a priori* da qual o ego se desenvolve. É, por assim dizer, uma prefiguração inconsciente do ego.” Pág. 217 (frase de Jung que ele cita)

“A concepção de que a identidade tem uma existência *a priori* é expressa na idéia antiga de que cada pessoa tem sua própria estrela individual, uma espécie de contraparte celestial, que representa a dimensão e o destino cósmico da pessoa.” Pág. 217

“O processo de atingimento da individualidade consciente é o processo de individuação, que leva à percepção de que nosso nome está escrito no céu.” Pág. 218

“A individualidade inconsciente se exprime em impulsos compulsivos para o prazer e para o poder e nas defesas de todo tipo de que o ego dispõe.” Pág. 218

“Jamais chegaremos ao *lapis* jogando fora a *prima matéria*.” Pág. 219

“Mas é fora de dúvida que o inconsciente é mais antigo e mais srinal que o consciente.” Pág. 219 (frase de Jung que ele cita)

“Podemos acrescentar a isso que, se o egocentrismo é a imitação do Si-mesmo feita pelo ego, então o ego, através da aceitação consciente dessa tendência, tornar-se-á consciente daquilo que está imitando: o centro e a unidade transpessoais da individualidade, o Si-mesmo.” Pág. 219

“[...] a base de quase todos os problemas psicológicos é uma relação não satisfatória com a necessidade de individualidade. E o processo de cura envolve, com frequência, uma aceitação daquilo que normalmente é chamado egoísta, voltado para a obtenção de poder ou auto-erótico.” Pág. 220

“A maioria dos pacientes da psicoterapia precisa aprender a ser egoísta de forma efetiva, assim como mais efetiva no uso do seu próprio poder pessoal: eles precisam aceitar a responsabilidade gerada pelo fato de serem centros de poder e de efetividade.” Pág. 220

“Só exigimos dos outros o que não conseguimos por nós mesmos.” Pág. 220

“Se tivermos uma auto-estima ou uma autoconsideração insuficientes, nossas necessidades se exprimirão, inconscientemente, através de táticas

~~coercitivas com relação aos outros. E muitas vezes a coerção ocorre sob a capa da virtude, do amor ou do altruismo.~~ Pág. 220

“Esse egoísmo inconsciente é ineficaz e destrutivo para nós e para os outros. Ele não consegue atingir seu propósito porque é cego, sem consciência de si mesmo. Não se requer a extirpação do egoísmo, que é impossível, mas sim que ele seja combinado à consciência e, assim, seja efetivo.” Pág. 220

“O mito de Narciso implica algo bastante diferente de um excesso de auto-estima indulgente. Narciso foi um jovem que rejeitou todas as pretendentes a seu amor. Como represália, Nêmesis levou-o a apaixonar-se pela própria

~~imensa reflexão de seu amor, e~~ Pág. 220

“Narciso representa o ego alienado incapaz de amar, isto é, incapaz de dar interesse e libido à vida – pois ele ainda não está ligado a si mesmo. O ato de apaixonar-se pela própria imagem refletida só pode ter como significado que ainda não possuímos a nós mesmos.” Pág. 220

“Narciso aspira unir-se a si mesmo simplesmente porque está alienado do seu próprio ser. Como Platão o exprimiu claramente no *simpósio*, amamos e aspiramos aquilo que nos falta.” Pág. 220

“O narcisismo em suas implicações mitológicas srccinais, não é, por conseguinte, um excesso desnecessário de auto-estima; é justamente o oposto, um estado frustrado de busca de uma autopossessão que ainda não existe. A solução para o problema de Narciso é antes realização da auto-estima que renúncia à auto-estima.” Pág. 220

“A auto-estima realizada constitui um pré-requisito do amor genuíno por qualquer objeto e do fluxo de energia psíquica em geral.” Pág. 221

“No caso de Narciso, a realização da auto-estima, ou união com a imagem das profundezas requer uma descida até o inconsciente, uma *nekyia* ou morte simbólica.” Pág. 221

“Depois que morreu, Narciso virou um narciso. [...] O narciso foi consagrado a Hades e abriu as portas ao seu reino subterrâneo. Perséfone havia colhido um único narciso quando a terra se abriu e Hades emergiu para raptá-la. A conclusão inescapável é que o narcisismo, pelo menos em seu sentimento mitológico srccinal, é o caminho que leva ao inconsciente, onde devemos ir para buscar a individualidade.” Pág. 221

“A etimologia é o lado inconsciente da linguagem, e por isso se reveste de relevância para os estudos psicológicos.” Pág. 222

“Jung demonstrou que as imagens da viúva e do órfão são parte do processo de individuação.” Pág. 222

“O simbolismo nos diz que a viudez é uma experiência no caminho da realização da individualidade; na verdade, a individualidade é a progénie dessa experiência. Isso só pode significar que o homem deve separar-se daquilo de que depende, mas que ele não é, antes de poder tornar-se consciente daquilo que ele é, único e indivisível.” Pág. 223

2. A MÔNADA E O MONOGENE

“Um importante conjunto de materiais referentes à experiência da individualidade pode ser encontrado nas especulações filosóficas dos antigos a respeito do Um ou Mônada. Os primeiros filósofos encontraram o mistério da individualidade em projeções filosóficas, cosmológicas.” Pág. 223

“Suas especulações a respeito da Mônada ou Um que está por trás de todos os fenômenos era, na realidade, uma projeção do fato psicológico interno referente a ser um indivíduo.” Pág. 223

“De acordo com os pitagóricos, a Mônada é o princípio criador, que impõe ordem e limitações ao infinito.” Pág. 223

“A principal coisa demonstrada por Platão é: o Um não pode ser apreendido pela lógica ou pelas categorias conscientes de tempo, espaço e causalidade.

~~Não pode ser apreendido pela lógica porque envolve contradições. Ele tanto participa quanto não participa do tempo, do espaço e do processo de causa e efeito.~~” Pág. 226

“Se pensarmos na experiência da individualidade como algo dotado de dois centros, o ego e o Si-mesmo, essas contradições se acomodam. O ego é uma encarnação, uma entidade, que participa das vicissitudes do tempo, do espaço e da causalidade. O si-mesmo, como centro da psique arquetípica, está em outro mundo, além da consciência e de suas formas de particularização da experiência. O ego é o centro da identidade subjetiva; O Si-mesmo é o centro da identidade objetiva. O ego vive na terra, mas o Si-mesmo está escrito no céu.” Pág. 226

“ “como gera todas as coisas, o Um não pode ser nenhuma delas ...” Isso significa que é um erro identificar nossa individualidade com alguma função, talento ou aspecto de nós mesmos.” Pág. 227

“Aquele que se sentir inferior e deprimido na presença de pessoas que são mais inteligentes, que leram mais livros, que viajaram mais, que são mais famosas ou habilidosas ou dotadas de conhecimento na arte, na música, na poesia ou em outro campo da ação humana, estará cometendo o erro de identificar algum aspecto ou função particulares de si mesmo à sua individualidade essencial.” Pág. 227

“Como uma capacidade particular sua é inferior à de outra pessoa, ele se sente inferior. Esse sentimento o leva tanto a um afastamento depressivo quanto a esforços defensivos e competitivos para provar que não é inferior. Se uma pessoa dessas puder experimentar o fato de que sua individualidade e valor pessoal estão além de todas as manifestações particulares, sua segurança já não será ameaçada pelas realizações dos outros.” Pág. 227

“Cada um de nós habita em seu próprio mundo distinto e não tem meios de saber como esse mundo se compara com o de outras pessoas.” Pág. 230

“O mundo não existe enquanto não houver uma consciência para percebê-lo.” Pág. 231

“Para resumir, devemos dizer que o ego é desprovido de janelas, mas que o Si-mesmo é uma abertura para outros mundos do ser.” Pág. 231

“Essas mesmas considerações se aplicam à experiência da individualidade. Ser um indivíduo significa ser alguém especial e favorecido e, da mesma forma, alguém sozinho.” Pág. 232

“Se for enfrentada, em vez de esquecida, a solidão poderá levar à aceitação criativa do ser só.” Pág. 233

3. UNIDADE E MULTIPLICIDADE

“Sua unidade, a multiplicidade e a dispersão são seu oposto!” Pág. 234

“A dispersão, ou multiplicidade, como condição psicológica, pode ser vista do ponto de vista interno e externo. Vista a partir de dentro, trata-se de um estado de fragmentação interna que envolve certo número de complexos relativamente autônomos que, quando tocados pelo ego, provocam mudanças de disposição e de atitude e levam o indivíduo a perceber que não é uno, mas múltiplo. Do ponto de vista externo, a multiplicidade se manifesta através da exteriorização ou projeção de partes da psique individual no mundo exterior.” Pág. 236

“As pessoas farão qualquer coisa, pouco importa quão absurda, para evitar encarar a própria alma.” Pág. 240 (frase de Jung aqui citada)

CAPÍTULO SETE – O ARQUÉTIPO DA TRINDADE E A DIALÉTICA DO DESENVOLVIMENTO

Há três espécies de “todos” – o primeiro, anterior às partes; o segundo, composto pelas partes; o terceiro, que faz das partes e do todo uma única coisa. – Proclo.

1. O TRÊS E O QUATRO

“O significado da quaternidade é fundamental para toda a sua teoria da psique, tanto no que se refere à sua estrutura, como em termos do objetivo do seu desenvolvimento, o processo de individuação.” Pág. 242

“Graças ao valor dominante que atribuiu à quaternidade, Jung tendia, na maioria dos casos, a interpretar as imagens trinitárias como quaternidade incompletas ou amputadas.” Pág. 243

“De um lado, ele interpreta a trindade como uma representação incompleta da divindade, talvez necessária durante um certo período do desenvolvimento psíquico, mas inadequada no tocante às necessidades da individuação, já que deixa de considerar o quarto princípio da matéria e o lado ruim de Deus.” Pág. 244

“Nessas citações que descrevem as três fases de desenvolvimento – Pai, Filho e Espírito Santo – há a sugestão de que a trindade é um símbolo incompleto quer requerer a adição de um quarto elemento.” Pág. 245

“A trindade parece simbolizar de forma adequada um processo de desenvolvimento que se desenrola no tempo.” Pág. 245

“O ritmo é um andamento ternário, mas o símbolo resultante é uma quaternidade.” Pág. 245 (Frase de Jung aqui citada)

Λ “Essa afirmação tem a clara implicação de que o ritmo ternário e o alvo quaternário são entidades simbólicas distintas, não se podendo interpretá-las corretamente uma através da outra. Todavia, esse ponto mais tarde se perde quando a trindade é descrita como uma representação incompleta da divindade.” Pág. 245

“Nesse caso, o arquétipo da trindade ou ritmo ternário e o arquétipo da quaternidade ou do ritmo quaternário se refeririam a dois diferentes aspectos da psique, sendo os dois válidos, apropriado e completos em seus respectivos reinos próprios.” Pág. 246

“A imagem da quaternidade exprime a totalidade da psique em seu sentido estrutural, estático ou eterno, ao passo que a imagem da trindade exprime a totalidade da experiência psicológica em seu aspecto de desenvolvimento, dinamismo e temporalidade.” Pág. 246

“Imagens quaternárias, de mandala, emergem em períodos de turbulência psíquica, e trazem consigo um sentimento de estabilidade e de repouso.” Pág. 246

Sobre mandalas: “São instrumentos de meditação que trazem à consciência um sentimento de paz e de calma, como se o indivíduo estivesse seguramente apoiado na substância estrutural eterna e protegido dos perigos destrutivos da mudança.” Pág. 246

“Os pacientes da psicoterapia às vezes descobrem por si mesmos esse método de meditação a respeito de seus próprios desenhos de mandalas quando sua integridade psíquica corre perigo.” Pág. 246

“Todos os eventos que se desenrolam no tempo se enquadram, evidentemente, num padrão ternário. Todo evento tem um início, um meio e um fim. A mente consciente pensa no tempo em termos de três categorias: passado, presente e futuro.” Pág. 247

“Se pensarmos na trindade como o reflexo de um processo de desenvolvimento, um processo dinâmico, o terceiro termo é a conclusão do processo. O terceiro estágio restaurou a unidade sencinal do 1 num nível mais elevado. Essa nova unidade só pode ser perturbada pela emergência de uma nova oposição, que repetirá o ciclo trinitário.” Pág. 248

“Em outras palavras, elas seriam personificações do dinamismo psíquico em todas as suas fases. Desse ponto de vista, uma trindade poderia exprimir a totalidade, tal como o faz a quaternidade, mas a representação trinitária teria uma natureza completamente diversa da representação quaternária. No primeiro caso, a totalidade abrange as várias fases dinâmicas de um processo de desenvolvimento; no segundo, seria uma totalidade de elementos estruturais. Três simbolizaria um processo, quatro, um alvo.” Pág. 249 – 250

“Também fiz uso de um padrão ternário – sendo as três entidades o ego, o si-mesmo (ou não-ego) e o vínculo que os liga (o eixo ego-Si-mesmo). De acordo com essa hipótese, o desenvolvimento da consciência ocorre através de um ciclo de três fases que se repete muitas vezes ao longo da vida do indivíduo. As três fases desse ciclo repetitivo são: (1) O ego identificado ao Si-mesmo; (2) o ego alienado do Si-mesmo; (3) o ego unido de novo ao Si-mesmo, esses três estágios poderiam ser denominados: (1) estágio do Si-mesmo; (2) estágio do ego; e (3) estágio do eixo ego-Si-mesmo. Esses três estágios correspondem precisamente aos três termos da trindade cristã: a idade do Pai (Si-mesmo); a idade do Filho (ego); e a idade do Espírito Santo (eixo ego-Si-mesmo). ” Pág. 250 – 251

“A ideia medieval de que o homem é composto de corpo, alma e espírito é outra representação trinitária da totalidade. ” Pág. 251

2. TRANSFORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

“O tema da transformação, da morte e do renascimento, que constitui um evento dinâmico, relativo ao desenvolvimento, também está associado ao número três. ” Pág. 252

“Três dias é a duração simbólica da jornada no mar de escuridão; por exemplo, Cristo, Jonas. Cristo foi crucificado entre dois ladrões; houve, portanto, uma tríplice crucifixão. ” Pág. 252

“As ações importantes que levam à transformação ou a atingir o alvo com frequência devem ser repetidas três vezes. ” Pág. 253

“Esses exemplos mostram que, em certo aspecto da vida psíquica, a totalidade se exprime simbolicamente pelo três e não pelo quatro. Trata-se do aspecto de desenvolvimento, temporal, de realização. Embora o alvo seja quaternário, o processo de realização do alvo é ternário. Assim, o três e o quatro representariam dois aspectos distintos da vida. ” Pág. 253

“O quatro é a totalidade estrutural, a complementação – algo estático e eterno. O três, por seu turno, representa a totalidade do ciclo de crescimento e de mudança dinâmica – conflito, resolução e, mais uma vez, conflito. Logo, de acordo com a fórmula trinitária, a tese três e a antítese quatro devem ser resolvidas numa nova síntese.” Pág. 253 – 254

“Acrecenta-se a isso o fato de que os números pares são tradicionalmente considerados femininos, e os ímpares masculinos. Isso sugere que a quaternidade pode ser, de modo predominante, uma expressão do arquétipo da mãe, ou princípio feminino, com ênfase no apoio estático e no acolhimento, ao passo que a trindade é uma manifestação do arquétipo do pai, ou princípio masculino, que enfatiza o movimento, a atividade, a iniciativa. Se essa visão for válida, teremos necessidade de outra imagem da totalidade para fazer a união dos contrários três e quatro.” Pág. 254

“Fica claro, a partir dessas passagens, que Jung não considerava quaternidade um símbolo completamente adequado para a totalidade. Pelo contrário, é necessário haver uma união entre quaternidade e trindade, numa síntese mais completa.” Pág. 259

“Se, quando confrontados com três, tiver sentido perguntar onde está o quatro, também terá sentido, quando confrontados com o quatro, perguntar onde está o três.” Pág. 259

“O arquétipo da trindade parece simbolizar a individuação enquanto processo, ao passo que a quaternidade simboliza o alvo da individuação, na realidade, jamais está verdadeiramente completa, cada estágio temporário de completude ou totalidade deve ser submetido, uma vez mais, à dialética da trindade, para que a vida continue.” Pág. 259

PARTE III – SIMBOLOS DO ALVO

“O homem tem uma alma e ... há um tesouro enterrado no campo. – C. G. Jung

CAPÍTULO OITO – A METAFÍSICA E O INCONSCIENTE

... nossos labores são testemunhos do mistério vivo. C. G. Jung

1. A METAFÍSICA EMPÍRICA

“O processo de individuação costuma expressar-se por intermédio de imagens simbólicas de natureza metafísica. Essas imagens podem ser um problema para o psicoterapeuta empírico que especialmente dar crédito a idéias que essas idéias com frequência se associa à inflação óbvia, por exemplo, na psicose.” Pág. 263

“Para o psicólogo, a palavra metafísica tende a apresentar uma conotação de arbitrárias profissões de fé acerca da natureza da realidade essencial. Ela evoca atitudes dogmáticas que causam repugnância ao temperamento empírico.” Pág. 263

“Para o cientista, o dogmatismo metafísico constitui uma demonstração do fato de que “ignoramos mais precisamente aquilo de que mais estamos certos”. ” Pág. 264

“Deve-se acrescentar que um conteúdo metafísico projetado, quando retirado da projeção, deve manter sua qualidade metafísica.” Pág. 266

2. UMA SÉRIE DE SONHOS “METAFÍSICOS”

“Há alguns anos, tive a oportunidade de observar uma notável série de sonhos contendo muitas imagens de ordem metafísica. O sonhador foi um homem que estava à beira da morte. Ele tinha a morte de ambos os lados do leito, por assim dizer. Pouco antes de a série de sonhos ter início, ele gabia feito uma tentativa súbita, impulsiva e não premeditada de suicídio, ingerindo um vidro cheio de pílulas para dormir. Ficou em coma durante trinta e seis horas e à beira da morte. Dois ano e meio mais tarde, acabou por falecer, com quase sessenta anos, de um acidente vascular cerebral.” Pág. 266

“Alguns dos sonhos pareciam ser apresentados do ponto de vista do ego, caso em que havia uma atmosfera de fatalidade e de tragédia. Quando despertava desses sonhos, o sonhador ficava em profunda depressão. Outros sonhos pareciam a expressão de um ponto de vista transpessoal e traziam consigo uma sensação de paz, alegria e segurança. Como único exemplo da primeira categoria de sonhos, mencionarei o sonho a seguir, que ele teve seis meses antes de morrer:

Estou em casa, mas não estou em nenhum lugar onde já estive. Entro na despensa para pegar comida. As prateleiras estão cheias de temperos e condimentos, todos da mesma marca, mas não há nada para comer. Sinto que estou sozinho em casa. A madrugada vem chegando ou é a brilhante luz da lua? Acendo uma lâmpada, mas a luz vem de outro cômodo. Algo range. Não estou só. Me pergunto onde estará meu cachorro. Preciso de amis luz. Preciso de mais luz e de mais coragem. Tenho medo. . .” Pág. 267

“Esse sonho provavelmente expressa o medo do ego quando antecipa o encontro com o intruso, a morte. A luz já não está com o ego, mas num outro cômodo.” Pág. 268

“Há apenas uns poucos sonhos desse tipo. Os da segunda categoria são muito mais frequentes; há neles imagens definitivamente transpessoais que, sinto, tentavam dar ao homem aulas de metafísica. Selecionei desse grupo treze sonhos, que vou apresentar e discutir. Vou apresentá-los em ordem cronológica.” Pág. 268

Sonho 1:

Estou aprendendo a fazer exercício do teatro Nō japonês. Minha impressão era de que, terminados os exercícios, meu corpo chegasse a uma posição física equivalente a um Koan Zen. ” Pág. 268

“O teatro Nō japonês é uma forma artística clássica, altamente formalizada. Os atores usam máscaras, havendo vários outros aspectos semelhantes ao antigo drama grego. O teatro Nō expressa realidades universais ou arquetípicas; toda a ênfase recai sobre o transpessoal.” Pág. 268

“O sonho diz, por conseguinte, que o paciente deve praticar o relacionamento com as realidades arquetípicas. Ele deve deixar de lado as considerações pessoais e começar a viver “sob o ponto de vista da eternidade”. ” Pág. 268 – 269

“Essas questões visam a quebrar o estado de limitação do ego e dar um vislumbre da realidade transpessoal; em termos jungianos, do Si-mesmo.” Pág. 269

“Um erudito budista, após experimentar o *Satori*, queimou seus comentários, antes considerados um tesouro, a respeito do *Sutra do Diamante* e exclamou: *“Por mais profundo, o conhecimento da filosofia abstrata não passa de um fio de cabelo voando na vastidão do espaço; por mais importante, a experiência das coisas terrenas não passa de uma gota d’água num abismo insondável.”* ” Pág. 269

“Creio que podemos supor que o sonho está tentando transmitir uma atitude desse tipo – incitando o sonhador a renunciar à sua atitude pessoal, que tem como centro o ego, na preparação para deixar esse mundo.” Pág. 269

Sonho 2:

Eu estava com vários companheiros numa paisagem ao estilo de Dalí, em que as coisas pareciam aprisionadas ou fora de controle. Havia focos de fogo por todo lado, emanando da terra e prestes a engolfer o lugar. Graças ao esforço conjunto, conseguimos controlar o fogo e levar os focos a ficarem em seu lugar próprio. Encontramos na mesma paisagem uma mulher deitada de costas numa rocha. O lado anterior do seu corpo era feito de carne, mas sua nuca e a parte posterior do corpo era parte da rocha viva em que ela estava deitada. Ela exibia um sorriso deslumbrante, quase beatífico, que parecia aceitar sua terrível situação. O controle dos focos de fogo parece ter causado alguma espécie de metamorfose. Começou a haver um amolecimento da rocha em suas costas, de modo que finalmente pudemos

tirá-la dali. Embora ainda fosse parcialmente de pedra, ela não parecia muito pesada e a mudança tinha continuidade. Sabíamos que ela voltaria a ser inteira." Pág. 270

"O paciente apresentou uma associação específica a esse sonho. Os focos de fogo o lembraram do fogo que, segundo se diz, acompanhou Hades quando ele abriu a terra para raptar Perséfone. O sonhador tinha visitado Elêusius e vira o ponto em que Hades teria supostamente emergido da terra. Ele também se recordou de uma estátua inacabada de Michelangelo." Pág. 270

"Através da imposição de limites ao fogo, uma mulher viva está sendo extraída da pedra. Isso corresponde à libertação da Sophia do abraço de *Physis*, que é conseguido através do controle do fogo do desejo. Num sonho posterior, é encontrada mais uma vez a personificação feminina da Sabedoria ou Logos. A imagem sugere também a separação entre alma e matéria ou corpo, associada à morte." Pág. 270

3. RETORNO AO PRINCÍPIO

Sonho 3:

Era uma cena estranha. Eu parecia estar na África, de pé no início de uma estepa interminável, que se estendia até onde a vista alcançava. As cabeças dos animais emergiam, ou haviam emergido, da terra. Enquanto eu olhava, alguns dos animais emergiram completamente. Alguns eram bem
mais vivos do que os outros, que estavam se preparando. Havia rios se formando e montanhas de terra. Era o começo do mundo." Pág. 273

"Esse sonho apresenta algumas semelhanças com o anterior. Mais uma vez, criaturas vivas emergem da terra sólida. O sonhador comentou que sentiu que lhe havia sido dada a permissão de vislumbrar a criação sencinal." Pág. 273

"No final de sua vida pessoal, o sonhador vê o início universal da vida. Formas vivas emergem da terra amorfa e inorgânica." Pág. 274

"Mas, de acordo com o terceiro sonho, das cinzas pulverizadas da vida queimada emerge uma nova vida." Pág. 274

Sonho 4:

Mais uma vez a paisagem da estepe africana. Vários hectares de terra vazia. Espalhados ali, havia pães de várias formas. Eles pareciam sedimentados e permanentes, como pedras.

“Neste sonho, é uma pedra que não é pedra, mas pão. Esse motivo da pedra que não é pedra é bem conhecido em alquimia (*lithos ou lithos*). Trata-se de uma referência à Pedra Filosofal que, de acordo com Ruland “é uma substancia pétreia no que se refere à eficácia e virtude, mas não no tocante à subtância”. Essa afirmação seria uma alusão à realidade da psique.” Pág. 274

“Essas passagens estabelecem que o pão é um requisito humano, que a pedra não satisfaz as necessidades humanas e que a disposição para tornar a pedra em pão (isto é, de unir esses contrários) é uma prerrogativa da divindade.” Pág. 275

Sonho 5:

Fui convidado para uma festa por Adão e Eva. Eles jamais morreram. Foram o começo e o fim. Percebi isso e aceitei sua existência permanente. Eram enormes, ultrapassando as escadas, como as esculturas de Maillol. Tinham um ar escultural e não-humano. A face de Adão estava escondida por um véu ou coberta e fiquei curioso por saber como era sua face. Atrevi-me a tentar descobri-la e o fiz. A capa era uma camada muito pesada de musgo ou alguma espécie de vegetal. Afastei-a apenas um pouco e olhei por debaixo dela. Sua face era bela, mas assustadora – Era o rosto de um gorila ou de alguma espécie de macaco gigante.

“O reino da festa é, evidentemente, o reino da eternidade, o reino arquetípico. As personagens não morrem, mas vivem um eterno presente. O “Reino dos céus” é o local onde encontramos os valores eternos.” Pág. 275

“As personagens do sonho foram consideradas o princípio e o fim. Tradicionalmente, a característica de princípio e fim jamais foi aplicada a Adão. Todavia foi aplicada a Cristo, que foi chamado segundo Adão.” Pág. 276

“Assim, a apresentação do sonhador a Adão sugere que lhe está sendo mostrada a “face sencinal” anterior ao nascimento do ego e implica a chegada de um processo de desencarnação.” Pág. 276

Sonho 6:

Estou num jardim, um belo terraço rebaixado. O local chama-se “Os Pensamentos de Deus”. Aqui, segundo se acredita, as Doze Palavras de Deus vão conquistar o mundo. Suas paredes são alinhadas como um ninho, com hera e com algo delicado como penas ou peles. Estou, junto com outras pessoas, caminhando no interior do jardim. A força das palavras vem com a força de uma explosão ou terremoto que nós atira ao chão. As paredes acolchoadas evitam que sejamos feridos. É costume, nesse local, caminhar perto das paredes que cercam o caminho. Deve-se completar o círculo no sentido horário ou anti-horário. Conforme caminhamos, a área vai ficando menor e mais íntima, mais almofadada e mais parecida com um ninho. O próprio caminho parece ter alguma relação com o processo de aprendizagem.

“Esse tema elabora um pouco mais temas a que os sonhos anteriores fizeram alusão. Mais uma vez, o sonhador é levado ao início pré-existente, à fonte do Logos.” Pág. 277

“Um elemento incomum é o fato de se dizer que das doze palavras de Deus conquistam o mundo. A função típica do Logos é criar, não conquistar o mundo. Talvez seja uma alusão ao fato de que brevemente o ego consciente (ego do mundo) vai ser extinto na morte.” Pág. 278

Sonho 7:

Dois pugilistas profissionais estão empenhados numa luta ritual. Sua luta é bela. No sonho, eles não são tanto antagonistas quanto colaboradores, trabalhando a partir de um projeto. No final de cada sessão, eles vestem suas roupas de combate. No vestiário, aplicam “maquiagem”. Observo um deles mergulhar o dedo em sangue e passa-lo no rosto do oponente e no seu próprio. Eles retornam ao ringue e continuam sua veloz e furiosa, mas altamente controlada, exibição.

“A pugna entre os contrários se reconcilia ao ser considerada como parte de um projeto mais amplo. Há uma luta mas ninguém se fere; trata-se apenas de um belo espetáculo dramático. Há sangue, mas é apenas “maquiagem”, parte do mundo das aparências e ilusão.” Pág. 279

Sonho 8:

Há três quadrados, unidades de aquecimento feitas de bobinas de metal ou tubos de néon. Eles representam meus problemas sexuais. Agora eles foram desmontados e estão sendo limpos. Há um novo conceito mundano de Deus, uma ampliação da consciência da vastidão do universo. Sob o pano de fundo

da eternidade, algo tão temporal quanto um problema sexual não tem importância, algo tão temporal quanto um problema sexual não tem importância. A lavagem é, em certo sentido, uma lavagem ritual, uma limpeza dos três quadrados destinada a deixá-los ocupar seu lugar natural na vastidão geral.

No sonho, minha mente brincou com a imagem visual dos três quadrados. Era simplesmente natural desenhar primeiro um círculo dentro de cada um deles e depois outro círculo ao seu redor

“O sonho esclarece a referência ao reino eterno e divino, em contraste com o reino temporal e pessoal. Os três quadrados representam, ao que parece, a existência pessoal e particularizada do sonhador no espaço e no tempo. Estão associados à sexualidade, à fonte de calor ou energia. O fato de haver três quadrados traz o significado simbólico da tríade discutida no capítulo 7. O três se refere à existência dinâmica na realidade histórica. Ele exprime a dialética dolorosa do processo de desenvolvimento, que se manifesta de acordo com a fórmula hegeliana de tese, antítese e síntese.” Pág. 280

“O quadrado, por outro lado, é uma imagem quaternária que exprime a totalidade, com ênfase nos aspectos estáticos, estruturais, de acolhida. No simbolismo oriental, o quadrado representa a terra em contraste com o céu. [...] O círculo em contraste com o quadrado é um símbolo comum para Deus e a eternidade. Assim, quando o sonhador traça um círculo no interior de um quadrado e outro círculo em volta dele, está combinando o individual e pessoal com o eterno e transpessoal. O sonho exprime a mesma idéia ao afirmar que os quadrados ocupam “seu lugar natural na vastidão geral.” Pág. 280

“Todavia, como afirma Jung, o quadrado é uma forma imperfeita, pois “No quadrado, os elementos ainda estão separados e são hostis uns aos outros”. Assim, eles precisam ser reunidos para formar uma unidade mais elevada, a quintessência, que corresponderia ao círculo externo que cerca o quadrado. De acordo com o sonho, essa reunição do quadrado é um processo de descoberta do seu “lugar natural na vastidão geral.” Pág. 281

Sonho 9:

Estou sozinho num grande jardim formal semelhante aos que vemos na Europa. A grama é um tipo incomum de turfa, centenário. Há grandes cercas de madeira de buxo e tudo está em perfeita ordem. No final do jardim, vejo um movimento. No início, parece uma enorme rã feita de grama. Quando me aproximo, vejo que é, na realidade, um homem verde, herbóreo, feito de grama. Ele está dançando. É uma dança muito bonita e penso no romance de Hudson, Green Mansions. Isso me deu uma sensação de paz, embora eu não consiga entender realmente o que estava observando. ” Pág. 282

“A esse homem, prestes a morrer, o inconsciente exibe uma imagem vívida e bela da natureza eterna da vida, cujas manifestações particulares estão em contínua morte, mas que está em contínuo renascimento sob novas formas.” Pág. 284

5. A CONCLUSÃO DA *OPUS*

Sonho 10:

Tal como nas Lendas dos Judeus, de Ginsberg, em que Deus estava em comunicação pessoal com vários indivíduos, Ele pareceu me apresentar um teste, completamente desagradável, para o qual eu não estava preparado, técnica ou emocionalmente. Primeiramente, eu deveria procurar e encontrar um homem que me esperava; juntos, deveríamos seguir

extremamente estranhas instruções. O resultado final viria condicionado ao símbolo sagradas, ou ainda, de tabu. A tarefa envolvia a remoção das mãos do homem nos pulsos, ordenando-as e unindo para criar uma forma hexagonal. Dois retângulos, um de cada mão, deveriam ser removidos, deixando uma espécie de janela. Os próprios retângulos também eram símbolos de grande valor. O resultado deveria ser mumificado, ressecado e negro. Tudo isso durou um longo tempo; foi extremamente delicado e difícil. Ele o suportou estoicamente, pois era o seu, assim como o meu, destino; e o resultado final, nós acreditamos, foi o que tinha sido perdido. Quando olhamos o símbolo

nós percebemos que ele tinha uma aura penetrável.

“Se a vida da pessoa é governada pelo sentido de uma tarefa divina, isso significa, psicologicamente, que o ego está subordinado ao Si-mesmo e foi libertado das preocupações que têm o ego como centro. A natureza da tarefa imposta no sonho indica algo dessa idéia.” Pág. 286

“As mãos de um homem devem ser amputadas. Essa imagem tão rudemente primitiva expressa um processo psicológico. [...] As mãos são o agente da Vontade consciente. Assim, ter as mãos cortadas corresponderia à experiência da impotência do ego. Nas palavras de Jung, “a experiência do Si-mesmo é sempre uma derrota para o ego”. ” Pág. 286

“O próximo passo da tarefa do sonho é unir as mãos amputadas para formar um hexágono. Temos aqui uma referência à união dos contrários: direita e esquerda, consciente e inconsciente, bem e mal.” Pág. 286

“O produto da união é uma figura de seis lados. Um símbolo de seis lados bem conhecido também se forma por meio da união de dois elementos similares mas contrastantes, no chamado Signo de Salomão. [...] O número seis está associado à complementação ou cumprimento de uma tarefa criadora. No Gênesis, o mundo foi criado em seis dias, e o ato final, a criação de Adão, ocorreu no sexto dia.” Pág. 287

“Resumindo o significado dessas amplificações, o sonho parece dizer que é necessário realizar uma tarefa por intermédio da qual os poderes do ego individual, para o bem e para o mal, são separados ou extraídos de sua união com o ego e reunidos numa imagem abstrata ou suprapessoal. Quando duas janelas retangulares são unidas, cria-se um efeito bastante misterioso, que nos lembra de uma máscara primitiva. O resultado final é uma imagem geométrica que – eu me aventuraria a sugerir – é uma representação simbólica da face de Deus.” Pág. 288



Sonho 11:

Está escuro, mas há na escuridão uma luminosidade indescritível. Uma escuridão que, de alguma forma, brilha. Há nela uma bela mulher de ouro, com uma face igual à da Mona Lisa. Percebo que o brilho emana de um colar que ela usa. É um colar bastante delicado: pequenos cabochões de turquesa, cada um deles circundado por ouro esverdeado. Tem um grande significado para mim, como se houvesse uma mensagem na imagem completa, se eu conseguisse ver além do seu aspecto ilusório.

“O sonhador, que era bastante mal-informado a respeito de filosofia e de religião, não conhece a passagem de abertura do Evangelho de João, a respeito do Logos. Essa passagem é certamente relevante para o sonho:

No princípio era o Verbo [Logos] e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus; todas as coisas eram feitas por ele e nada do que foi feito se fez sem ele. Nele estava a vida e a vida era a luz
do logos. A luz resplandece nas trevas e as trevas não a suplantam. (João
Pág. 289)

“A doutrina do Logos de João aplicou a Cristo a doutrina do Logos da filosofia Helênica. Cristo tornou-se o Verbo criador ou Pensamento de Deus, que estava com Ele desde o princípio. Nos círculos gnósticos, o Logos era equiparado à Sophia, a personificação feminina da Sabedoria.” Pág. 289

“A mulher de ouro com rosto de Mona Lisa, que aparece no sonho é, portanto, a Sofia ou Sabedoria Divina. Seu colar luminoso, azul e dourado, seria uma espécie de rosário celestial que une, numa única série circular,

varias formas e modelos do ser, tal como o círculo do ano une os signos do Zodíaco
a soma de imagens arquéticas presentes à mente de Deus.
Pág. 290

Sonho 12:

Foi-me atribuída uma tarefa praticamente difícil demais para mim. Uma tora de madeira dura e pesada está oculta na floresta. Devo descobri-la, serrar ou cortar dela um pedaço circular e entalhar na peça um desenho. O resultado deverá ser preservado a todo custo, como se representasse algo que não mais voltará a existir e que corre o risco de perder-se. Ao mesmo tempo que é preciso fazer com que a madeira em fenda. No entanto, a madeira deve ser preservada e devem ser entregues à biblioteca pública. Alguém diz que só a biblioteca saberá evitar que a fita se deteriore dentro de cinco anos.

“Temos aqui, mais uma vez, o tema da tarefa difícil atribuída, que é análoga à obra alquímica. A tona coberta é o material oculto, sencinal, que primeiramente deve ser descoberto ou tornado manifesto e então receber uma forma especial que tem uma certa singularidade, já que não voltará a existir. O desenho entalhado é uma imagem com cinco pontas. O número cinco volta ser mencionado na observação de que há o risco de deterioração em cinco anos. O simbolismo do cinco aparece na quintessência dos alquimistas. É a quinta forma e a unidade última dos quatro elementos e, portanto, o alvo final do processo.” Pág. 290

“Jung afirma que o número cinco sugere a predominância do homem físico. O que corresponderia ao fato de a imagem do sonho lembrar uma figura humana abstrata com cinco protuberâncias – quatro membros e a cabeça. Assim sendo, a imagem sugeriria o alvo ou complementação da existência física.” Pág. 290

“Em alguns aspectos, o objeto e a gravação da fita podem ser considerados sinônimos, já que o esboço do objeto tem bastante semelhança com um carretel de fita de gravador. Nessa linha de associações, a tarefa pode ser vista como a transformação da Madeira em Verbo, isto é, da matéria em espírito. É possível que esse sonho estivesse pressagiando que eu publicaria uma série de sonhos dele no futuro. A tarefa seria, então, gravar seus sonhos e depositá-los comigo. Todavia, especialmente no contexto dos outros sonhos, essa interpretação simples e personalista é completamente inadequada aos dados. Muito mais provável é a suposição de que a tarefa do sonho se refira tarefa de sua psicológica, cujos resultados deveriam ser depositados como um permanente incremento de uma biblioteca coletiva ou transpessoal, isto é, um tesouro do verbo ou do espírito.” Pág. 291

Sonho 13:

Eu estava observando um curioso jardim, peculiar e belo. Era um grande quadrado com piso de pedra. A intervalos de uns 60 metros, havia objetos de bronze, eretos, muito parecidos com a “Ave no Espaço”, de Brancusi. Fiquei ali por longo tempo. O local tinha um significado bastante positivo, mas que eu não conseguia perceber.

“A “Ave no Espaço”, de Brancusi, é uma haste vertical de metal polido, ligeiramente curva, muito graciosa. É mais espessa em sua região média e vai-se estreitando até a parte superior. Ela evoca toda a questão do simbolismo do pólo ou pilar. Em termos mais simples, representa o movimento fálico, de esforço, vertical, na direção do reino mais elevado do espírito. Pode significar o *Axis mundi*, a conexão entre o mundo humano e o mundo divino transpessoal. Nesse polo cósmico, os deuses descem para se manifestar, ou o xamã primitivo ascende em busca de sua visão extática.”

Pág. 294

“A pedra e o pólo são, por conseguinte, representações das divindades feminina e masculina, respectivamente. Em termos psicológicos, o sonho está representando, portanto, uma *coniunctio* dos princípios masculino e feminino. Não sei a razão pela qual deveria haver uma multiplicidade de pólos masculinos contidos num único quadrado de pedra. Talvez tenha implicações similares às da multiplicidade de pérolas do colar de Sophia.

Todavia, como expressão de totalidade e de união de contrários, é uma imagem de complementação. Esse é um dos últimos sonhos desse paciente que cheguei a conhecer. Três meses mais tarde, ele morreu.”

Pág. 295-296

“Penso que essa série de sonhos demonstra que o inconsciente, sob certas circunstâncias, produz considerações que podemos chamar, com propriedade, metafísicas. Embora o paciente não tenha passado pelo processo de individuação no sentido comum do termo, podemos supor que a pressão da morte iminente pode ter servido de telescópio a esse processo. Esses sonhos, certamente sugerem uma premência do inconsciente no sentido de transmitir a consciência de uma realidade metafísica, como se fosse importante ter essa consciência antes da morte física.”

Pág. 296

CAPÍTULO NOVE – O SANGUE DE CRISTO

A teologia sem alquimia é como um corpo nobre a qual falta a mão direita.

Nossa arte – sua teoria e sua prática – é, de qualquer forma, um dom de Deus. Que a concede quando e a quem Ele escolhe: Não é daquele que deseja, nem daquele que se apressa; ela vem simplesmente graças à misericórdia divina.

1. INTRODUÇÃO

“O objeto deste capítulo é uma antiga imagem arquetípica envolta nos sagrados significados dos milênios. Uma tal imagem é dotada de grande força, para o bem ou para o mal, e deve ser tratada com cuidado.” Pág. 297 “Quando embebida na substância protetora da ortodoxia, pode ser manuseada com segurança. Mas o método empírico da psicologia analítica requer que tentemos abrir o contexto protetor tradicional com o fito de examinar o próprio símbolo vivo e de explorar sua função espontânea na psique individual. É como se estivéssemos visitando poderosos animais selvagens em seu *habitat* natural, em lugar de observá-los em confinamento, nas jaulas de um zoológico.” Pág. 298

“Embora esse método seja necessário, devemos reconhecer o perigo que traz ~~transigos de forma respeitosa~~ O ego exagerado que aborda uma imagem dessas de modo descuidado pode sucumbir à *hybris* e ser fulminado pela ação inevitável da nêmesis.” Pág. 298

“Com esses pensamentos em mente, tomei duas citações alquímicas como divisa. A primeira exprime a atitude do empirismo científico e da psicoterapia prática. Ela diz: “A teologia sem a alquimia é como um corpo nobre a que falta a mão direita”. Mas, para nos guardar da *hybris* da vontade humana, a segunda citação deve ser apresentada imediatamente: “Nossa arte, sua teoria, assim como sua prática, é, de qualquer forma, um dos de Deus, Que a concede quando e a quem Ele escolhe: Não é daquele que deseja, nem daquele que se apressa; ela vem simplesmente graças à misericórdia divina.” Pág. 298

“Jung demonstrou que a figura de Cristo é um símbolo do Si-mesmo e essa descoberta nos permitiu avançar consideravelmente na direção do estabelecimento de uma relação entre a mitologia cristã tradicional e a moderna psicologia profunda. Uma importante imagem corolário associada ao simbolismo de Cristo é a imagem do sangue de Cristo. Minha atenção se voltou para esse tema, no início, quando deparei com vários sonhos que faziam referência ao sangue de Cristo. Esses sonhos indicam que o sangue de Cristo é um símbolo vivo que ainda funciona na psique moderna. Por conseguinte, eu me proponho a examinar esse símbolo e suas ramificações à luz da psicologia Junguiana.” Pág. 298

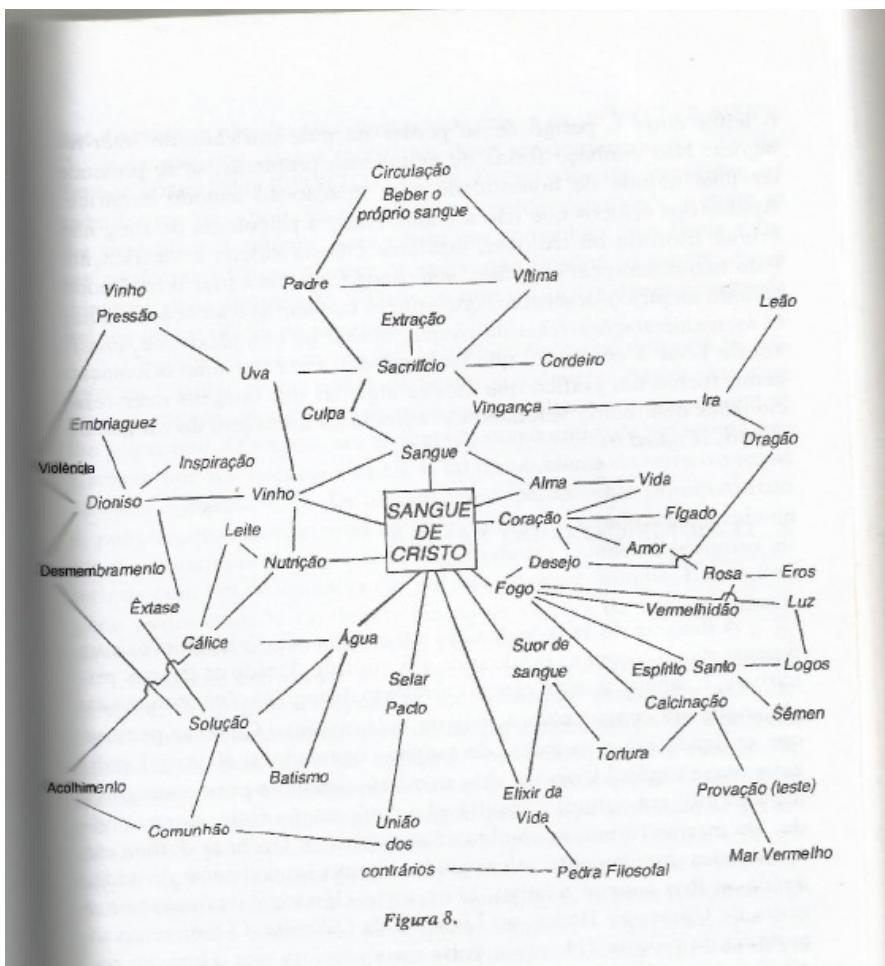


Figura 8.

“Para demonstrar que essa imagem, junto com seus vínculos associativos, constitui um organismo vivo, e não uma construção teórica, devemos seguir a abordagem empírica, descritiva, fenomenológica. Todavia, essa abordagem exige muito do leitor. Conforme vão sendo traçadas as vinculações entre os vários paralelos e analogias, o leitor corre o perigo de se perder na rede intricada de inter-relações. Não conheço forma de evitar esse problema, se se pretende ter uma atitude de honestidade com relação ao método empírico. Apesar dos críticos que não a entenderam, a psicologia de Jung não é uma filosofia ou teologia, mas uma ciência sujeita a verificação. Para não obscurecer esse fato, vemo-nos forçados a usar o incômodo método empírico-descritivo, que sempre mantém sob atenção imediata as manifestações reais da psique, apesar da complexidade, passível de levar à confusão, que elas exibem. Para dar uma orientação geral, incluo um gráfico que mostra algumas das imagens inter-relacionadas que, como veremos, são associadas à imagem do sangue de Cristo.” Pág. 300

2. O SIGNIFICADO DO SANGUE

“A imagem do sangue de Cristo tem numerosas vinculações com o pensamento e com as práticas da antiguidade. Desde os tempos primitivos, o sangue sempre esteve carregado de implicações numinosas.” Pág. 300

“O sangue era considerado a sede da vida ou da alma. Como se pensava que o fígado era uma massa de sangue coagulado, a alma se localizava nesse órgão.” Pág. 300

“O sangue como essência da própria vida era a coisa mais preciosa que o homem poderia conceber. Ele trazia consigo conotações suprapessoais e se pensava que ele só pertencia a Deus. Assim os antigos hebreus eram proibidos de beber sangue.” Pág. 300

“Como carregava esses significados, o sangue era o donativo mais apropriado a Deus, o que explica a disseminação da prática do sacrifício do sangue.” Pág. 301

“Como o sangue era um fluido divino, era crime derramá-lo, exceto num ritual de sacrifício dedicado aos deuses. Assim, associava-se o sangue com o assassinato e com a culpa e a vingança que se lhe seguiriam.” Pág. 301

“O sangue era concebido como entidade autônoma que clamava por sua própria vingança, tal como clama da terra o sangue de Abel. De acordo com o pensamento primitivo (isto é, pensamento inconsciente) não é moralmente errado tirar a vida de outra pessoa; o problema reside no fato de ser altamente perigoso interferir com uma substância tão potente quanto o sangue. Ele se vingará, assim como o fio de alta tensão se vingará do homem descuidado ou ignorante que não souber pegá-lo.” Pág. 301

“Portanto, em termos psicológicos, o sangue representa a vida da alma, de srcem transpessoal, extremamente precioso e potente. Ele é reverenciado como algo divino, e todo esforço do ego para manipulá-lo, para dele se apropriar ou destruí-lo, em função de propósitos pessoais, provoca a vingança ou retribuição. O derramamento de sangue requer mais sangue para pagar a dívida. O livro caixa deve produzir um balanço. Esse pensamento ilustra a lei da conservação da energia psíquica. Há muita vida psíquica a ser vivida. Se lhe for negada a realização numa área, haverá compensação em outra. Para o sangue, deve haver sangue. A repressão, que é a morte interna, vai se manifestar externamente. É um crime contra a vida, cujo pagamento será deduzido.” Pág. 301

“Outra característica do antigo simbolismo do sangue é a idéia de que o sangue estabelece um vínculo ou pacto entre os poderes divinos, ou demoníacos, e o homem. Os pactos com o demônio devem ser firmados com sangue e o sangue deve fluir para selar um acordo entre Deus e o homem.”
Pág. 302

“Essa idéia, ao lado da afirmação de que o sangue de Cristo é derramado de uma vez por todas, implica psicologicamente que ocorreu uma transformação no nível arquetípico da psique coletiva. O próprio Deus passou por uma mudança, de modo que o fluido cimentador e redentor que une Deus ao homem, isto é, o Si-mesmo ao ego, agora se encontra em permanente disponibilidade através da iniciativa do si-mesmo sob a forma de Cristo.” Pág. 303

“Da mesma forma, na vida interna do indivíduo, o ego descobre justamente a partir de ocasiões de intenso afeto, encaradas de forma consciente, a existência do Si-mesmo – e a ele se liga. A intensidade da libido simbolizada pelo sangue é necessária para forjar a conexão entre homem e homem e entre homem e Deus.” Pág. 305

“O sacrifício da pureza inocente também implica a realização da sombra, que nos liberta da identificação com o papel da vítima inocente e da tendência a projetar o executante demoníaco em Deus ou no próximo.” Pág. 309

3. CRISTO E DIONISO

“Outra linha importante de conexões simbólicas vincula o sangue de Cristo à uva e ao vinho de Dioniso.” Pág. 309

“Dioniso, com seu vinho, é um símbolo ambivalente. Ele pode trazer inspiração, êxtase e transformação benevolente da consciência, [...].” Pág. 310

“Os horrores que podem ser perpetrados quando o ego está inflado pela identificação com o poder do inconsciente coletivo são terríveis.” Pág. 312

4. A EXTRAÇÃO PELO SACRIFÍCIO

“Para arranjos diferentes são possíveis na situação sacrificial, a depender dos seguintes fatores: quem faz o sacrifício, o que está sendo sacrificado e em benefício de quem o sacrifício é feito. Essas quatro possibilidades podem ser relacionadas da seguinte forma: ” Pág. 320

Sacerdote	Vítima do sacrifício	Em benefício de (do)	
1. Deus	Sacrifica o homem	em favor de	Deus
2. Deus	Sacrifica Deus	em favor do	homem
3. O homem	Sacrifica Deus	em favor do	homem
4. O homem	Sacrifica o homem	em favor do homem e de Deus	

1. Deus sacrifica o homem

Essa versão corresponde a toda a prática sacrificial antiga. O sacerdote, agindo em nome de Deus, sacrifica um animal (srinalmente, um ser humano) que representa o homem. O movimento vai do ser humano ao divino, isto é, o reino do divino deve aumentar às expensas do humano. Daí a implicação de que o ego está muito cheio e o mundo transpessoal muito vazio. O equilíbrio deve ser restaurado por meio de um sacrifício do ego em favor do Si-mesmo.

2. Deus sacrifica Deus

Esse procedimento corresponde ao simbolismo de todo alimento totêmico, na medida em que este é realizado como um ritual sagrado e, por conseguinte sob os auspícios de Deus. O exemplo principal é a missa católica romana, em que o celebrante representa Deus como sacrificador e os elementos representam Deus como sacrificado. Nesse caso, o movimento vai do divino para o humano, indicando um relativo esvaziamento do ego (pobreza de espírito) que requer um influxo mantenedor do inconsciente coletivo e transpessoal.

3. O homem sacrifica Deus

Essa ação não tem representação religiosa específica, já que sua essência é aparentemente secular ou pessoal. Corresponde a um dreno de energia e de valor das categorias transpessoais para servir aos interesses do ego consciente. Os exemplos míticos seriam o roubo do fogo, cometido por Prometeu, e o pecado srinal de Adão e Eva. Em termos estritos, parece que a palavra sacrifício não deveria aplicar-se aqui, já que se trata antes de uma questão de dessacralização que de tornar sagrado. Todavia, ao longo das vicissitudes empíricas do desenvolvimento psicológico, quando um passo desses é necessário, a experiência justifica o termo sacrifício para descrever a desistência relutante da permanência em velhas formas de ser. Trata-se na realidade, do maior sacrifício e, como nos demonstram os mitos, exige o preço mais elevado. Na história da cultura, esse estágio seria representado pelo ateísmo materialista. O movimento da energia vai do divino para o humano e pertence, portanto, a uma condição que requer aumento da autonomia consciente.

4. O homem sacrifica o homem

Esse quarto tipo de sacrifício é ideal hipotético e apenas começa a emergir como uma possibilidade na compreensão humana. Refere-se ao sacrifício do ego pelo ego em favor do duplo propósito de desenvolvimento do próprio ego e de cumprimento do seu destino transpessoal. Como o homem é, ao mesmo

tempo, agente e paciente, trata-se de um processo consciente, que não é motivado pela compulsão arquetípica inconsciente, mas pela cooperação consciente com a necessidade de individuação. Ele reproduz, no nível humano consciente, o que está prefigurado no nível arquetípico, divino, no sacrifício de Cristo por si mesmo. De acordo com Chrysostomus, Cristo foi o primeiro a comer sua própria carne e a beber seu próprio sangue. Essa ação, então, tornou-se um modelo para o ego que alcançou um nível de consciência suficiente para compreender-lhe o significado.” Pág. 322

5. ATRIBUTOS DO SANGUE DE CRISTO

“Podemos considerar o sangue redentor de Cristo como um fluido portador da consciência, derivado do Si-mesmo, que traz consigo um ponto de vista mais amplo, que inclui o significado arquetípico da existência e que liberta o indivíduo das dimensões estreitas e personalistas do ego.” Pág. 324

“O vinho de Dioniso compartilha com o sangue de Cristo a qualidade da reconciliação e da comunhão.” Pág. 326

6. RELAÇÕES COM A ALQUIMIA

“O sangue de Cristo tem muitas vinculações com o simbolismo alquímico. Na alquimia, o sangue costuma ser usado para descrever o produto de um procedimento de extração.” Pág. 329

“Assim, tal como o Mercúrio, que pode ser veneno ou panaceia, a substância arcana simbolizada como sangue pode trazer tanto paixão, ira e tormento cruel como salvação, a depender da atitude e da condição do ego que a experimentar.” Pág. 329

“O símbolo do sangue vincula duas diferentes operações do procedimento alquímico, a *solutio* [solução] e a *calcinatio* [calcinação]. A água e o fluido são parte do complexo simbólico da *solutio*. O Sangue como fluido liga-se, assim, à *solutio*. Todavia, o sangue também está associado ao aquecimento e ao fogo e se enquadra no âmbito da *calcinatio*. O sangue como a união do fogo e da água é, portanto, uma combinação de contrários.” Pág. 330

“A água dissolve e funde coisas distintas num meio unificador. O fogo tem diferentes níveis de significado. Pode ser a intensidade do desejo, o calor do amor ou a inspiração do Espírito Santo. Em diferentes contextos, pode referir-se tanto a Eros quanto ao Logos. O vermelho do sangue o vincula a todas as implicações da cor vermelha e à flor mais vermelha, a rosa.” Pág. 330

“Do outro lado do Mar Vermelho, os israelitas encontraram o deserto e, mais tarde, as revelações de Javé no monte Sinai. Assim, no primeiro encontro com o si-mesmo, experimenta-se uma certa solidão e separação dos outros. Com relação a essa experiência, Jung diz: “Todos que se tornam conscientes, mesmo de uma parcela do seu inconsciente, ultrapassam seu próprio tempo e seu próprio espaço social e caem numa espécie de solidão ... Mas apenas onde há essa solidão é possível encontrar o ‘deus da salvação’. A luz se manifesta na escuridão e do perigo vem o resgate.” Pág. 331

“O sangue de Cristo representa um estreito paralelo com o *elixir vitae* ou *aqua permanens* dos alquimistas, que era, na realidade, uma forma líquida da Pedra Filosofal. Os textos frequentemente afirmam esse vínculo de forma explícita. A partir de nossa posição privilegiada, podemos dizer que assim como o ‘sangue do concerto’ do Antigo Testamento era considerado pelos cristãos uma prefiguração do sangue de Cristo, o sangue de Cristo era tomado pelos alquimistas como prefiguração do elixir da Pedra Filosofal.” Pág. 331

“Psicologicamente, isso significa que a extração da *aqua permanens* envolve inevitavelmente dor e conflito psíquicos. Como diz Jung: “... todo avanço psíquico do homem surge do sofrimento da alma ...” O sofrimento, em si mesmo, não tem valor. Para ter valor, deve ser um sofrimento conscientemente aceito, um sofrimento significativo que extrai o fluido redentor. A tolerância voluntária dos contrários no interior do indivíduo, a aceitação de sua própria sombra, e não a indulgência com relação à saída fácil da projeção da sombra nos outros, traz a transformação.” Pág. 333

7. SONHOS MODERNOS

“O símbolo do sangue de Cristo é ativo na psique moderna, como o evidenciam sonhos de pacientes da psicoterapia.” Pág. 334

“Por exemplo, apresentamos a seguir, um sonho de uma jovem dona-de-casa cuja identidade pessoal e feminina havia sido muito amplamente submersa por um tratamento arbitrário e danoso na infância. A paciente em questão é dotada de um talento criativo que, até a época do sonho, mantinha-se totalmente despercebido. Pouco depois de iniciar a psicoterapia, ela teve o seguinte sonho: ” Pág. 333 - 334

Uma figura, um anjo, com um vestido drapeado de branco sob os joelhos, está debruçada, escrevendo com a mão direita numa pedra oval, cor de areia, fixada num gramado novo. Ela está escrevendo com o sangue que está num vaso seguro por uma figura masculina que se encontra do seu lado direito. A figura masculina segura o vaso com a mão esquerda. ” Pág. 334

“Após o sonho, a sonhadora pintou um quadro que o representava. No quadro, o anjo transformou-se numa grande ave branca que escreve com o bico. O homem que segura o cálice de sangue na mão é uma figura de barba vestida num robe e é claramente uma representação de Cristo. A sonhadora não fez essencialmente nenhuma associação pessoal e disse apenas que o homem a lembrou de Cristo e a ave do Espírito Santo.” Pág. 334

“De acordo com a pintura do sonho, Cristo fornece o sangue mas o Espírito Santo escreve. Isso corresponde de forma bastante estreita às palavras de Jesus: “... a vós convém que eu vá, pois se não vou, não virá a vós o Paráclito”. (João 16:7) A partida é o meio pelo qual se extrai o sangue, deixando a energia da individuação livre para se expressar pelo espírito autônomo em sua manifestação individual. Provavelmente é significativo que essa paciente tenha crescido como católica romana e que, na época do sonho, estivesse num processo de retirada de sua projeção da autoridade última da igreja e em suas doutrinas.” Pág. 335

“O próximo sonho é o de um jovem aluno de graduação. Quando criança, houve um diagnóstico errôneo sobre ele, no qual se lhe atribuiu uma disfunção cardíaca devido a um sopro disfuncional do coração. Essa experiência provocou-lhe muita ansiedade na época e o deixou com uma reação fóbica diante do sangue ou da perspectiva de ver sangue. Quando exploramos esse sintoma, descobrimos que o sangue representava afetos ou

intensidades emocionais de todos os tipos. Ele temia todas as reações vindas do coração. Depois de um encontro particular com seu “complexo de sangue”, durante o qual fez um esforço particular para se manter firme e encarar sua ansiedade de frente em vez de fugir dela, ele teve o seguinte sonho: ” Pág. 335- 336

Estou próximo a uma estranha casa de três andares que começo a explorar. Aventuro-me a explorar o porão e ali encontro uma fascinante igreja-santuário. Imediatamente minha atenção é atraída por um símbolo luminoso que se encontra acima do altar. Ele consiste de uma cruz e há, no centro da cruz, um coração pulsante. Ele mantém minha atenção por algum tempo e parece conter muitos sentidos ocultos. Depois de sair dali, decido voltar para outra experiência com essa estranha cruz. Quando entro outra vez no santuário, fico impressionado por encontrar uma irmã católica na entrada, e a sala cheia de gente, todos em oração.

“Temos com esse sonho um belo exemplo de modo como é possível resolver um sintoma psíquico quando seu núcleo de sentido arquetípico é penetrado. O sonho equipara o complexo de sangue (coração) a Cristo na cruz. Com efeito, o paciente tem medo, na verdade, do sangue de Cristo. Posto nesses termos religiosos ou arquetípicos o medo do sangue perde sua natureza irracional e, por conseguinte, deixa de ser um sintoma. Torna-se, antes, uma reação diante do numinoso, um terror sagrado, pavoroso, da realidade transpessoal do Si-mesmo. Não se trata de neurose, mas de uma consciência da dimensão religiosa da psique. O sonho veicula ao sonhador o fato de o seu afeto e sua intensidade emocional serem matéria sagrada e de que, embora ele possa abordá-los temeroso e trêmulo, não é de forma alguma sábio desprezá-los ou rejeitá-los, como ele estava inclinado a fazer. Ou, para dizê-lo de outra forma, o sofrimento sem sentido, de ordem neurótica, foi transformado em sofrimento consciente, significativo, entendido como ingrediente essencial de um processo de vida arquetípico, profundo, isto é, a extração do sangue de Cristo.” Pág. 336

“O sonho a seguir foi o primeiro sonho depois do início da análise de um homem que mais tarde se tornou psicoterapeuta:

Depois de alguma dificuldade, ele fêsgou um peixe de coloração dourada. Sua tarefa era extraír o sangue do peixe e aquecê-lo até que ele alcançasse um estado fluido permanente. Havia perigo de que o sangue coagulasse no decorrer do processo. Ele estava num laboratório fervendo o sangue do peixe. Um homem mais velho, “porta-voz por tradição”, lhe disse que a coisa jamais iria dar certo, que o sangue certamente coagularia. Contudo, o aquecimento continuou e o sonhador sabia que seria bem-sucedido.

“O símbolo do peixe exibe um duplo aspecto. De um lado, trata-se de uma criatura de sangue frio, das profundezas e por isso representa o instinto inconsciente semelhante ao dragão. Por outro lado, é um símbolo de Cristo.

Assim simboliza tanto o redentor, quanto aquilo que deve ser redimido.”

Pág. 338

Fala-se aqui também do mito de Tobias, da bíblia

“Essa história contém um importante simbolismo no tocante àquilo que é necessário fazer para ter uma relação com o inconsciente sem ser por ele destruído. A *coniunctio* só é bem-sucedida após a captura do peixe e da extração de sua essência, que se transforma em substância salvadora similar ao sangue de Cristo. Em resumo, ela significa que o problema do desejo inconsciente deve ser resolvido, o que constitui um prelúdio necessário à

coniunctio. Cristo foi identificado ao peixe (*Ichthys*) desde o início do cristianismo. Assim, o sangue do peixe é também o sangue de Cristo. Por extensão, o peixe pode representar todo o éon cristão, estando a era de Peixes chegando ao fim. Portanto, em seu sentido mais universal, a extração do sangue de um peixe sugeriria a extração de vida e sentido de toda a revelação cristã.” Pág. 339

“Como o sonho indica, a transmissão da velha para a nova forma é perigosa. O sangue pode coagular. Em outras palavras, no processo de separação do sentido religioso da vida do seu recipiente, do cristianismo tradicional, há perigo de o valor suprapessoal se perder inteiramente. Ou, talvez, o perigo de o sangue coagular numa forma fixa sugeriria que a energia transpessoal recém-libertada poderia se tornar prematuramente presa a categorias estreitas e inadequadas de compreensão e de ação. Exemplos disso podem ser os partidarismos políticos ou sociológicos ou, talvez, vários fanatismos

pessoais inferiores em que o recipiente é pequeno para suportar a magnitude e o significado da energia de vida suprapessoal.” Pág. 339

“Em resumo, o sangue de Cristo representa o poder primevo da própria vida, tal como este se manifesta no plano psíquico, com uma profunda potencialidade para o bem ou para o mal. Como símbolo da essência fluida

da condição do Si-mesmo e da totalidade, ele contém e reconcilia todos os opostos. Se vem como um influxo flamejante de energia indiferenciada, pode destruir o ego petrificado ou não-desenvolvido. Por outro lado, é a energia que alimenta, suporta, vincula e promove vida, a energia que flui do centro transpessoal da psique e que mantém, torna válida e justifica a continuidade da existência do centro pessoal da psique, o ego. Como combinação da água e do fogo, o sangue de Cristo é, ao mesmo tempo, confortador, calmante, protetor e inspirador, agitador e revigorador. É a essência além do tempo que carrega e torna significativa a existência temporal pessoa. É a coluna sempiterna sobre que repousa o presente momento de existência consciente.

Sempre que liberamos um estado estéril, estagnado ou depressivo de consciência por meio de um influxo de imagens, sentimentos ou energias motivadoras significativos, podemos dizer que um dinamismo arquetípico representado pelo sangue de Cristo iniciou sua operação. Essas experiências confirmam a realidade do “poder redentor”, qualidade essencial do sangue de Cristo.” Pág. 339

CAPÍTULO DEZ – A PEDRA FILOSOFAL

Compreendei, Filhos da sabedoria, a Pedra declara: Protegei-me e vos protegerei: dai-me o que me é devido e vos ajudarei. – Tratado de ouro de Hermes

1. INTRODUÇÃO E TEXTO

“Um rico e complexo símbolo do Si-mesmo se encontra na idéia alquímica da Pedra Filosofal – o alvo último do processo alquímico. Alguns podem se perguntar: que valor podem ter as fantasias dos alquimistas para a moderna psicologia empírica? A resposta é: essas fantasias expressam simbolicamente as camadas mais profundas do inconsciente e fornecem valiosos paralelos que nos auxiliam a compreender as imagens que emergem

atualmente na análise profunda dos indivíduos. O próprio fato de os alquimistas serem psicologicamente ingênuos e acautelados permitiu que as imagens simbólicas se manifestassem a si mesmas sem distorção.” Pág. 340

“O alvo do processo de individuação é obter uma relação consciente com o si-mesmo. O alvo do procedimento alquímico era mais frequentemente representado pela Pedra Filosofal. Assim, a Pedra filosofal é um símbolo do Si-mesmo.” Pág. 341

Sobre a descrição que Ashmole dá sobre a Pedra Filosofal:

“Em toda a alquimia, o simbolismo do número quatro desempenha importante papel. O quatro era considerado o princípio ordenador básico da matéria. No início do mundo, antes da criação, havia apenas a *prima matéria*, que não tinha forma, estrutura ou conteúdo específico. Tudo era potencial; nada era real. No ato da criação, os quatro elementos – terra, ar, fogo e água – foram separados da *prima matéria*. É como se a cruz dos quatro elementos tivesse sido imposta à *prima matéria*, dando-lhe ordem e estrutura e tirando o cosmos do caos.” Pág. 345

“Para produzir a Pedra Filosofal, os quatro elementos devem, por conseguinte, ser unidos outra vez na unidade da quintessência. O estado

“... principal da totalidade e união da” Pág. 346

2. TRANSFORMAÇÃO E REVELAÇÃO

(Em itálico as descrições de Ashmole sobre a Pedra Filosofal)

(1) (A forma mineral da Pedra Filosofal) tem o poder de transmutar toda e qualquer matéria terrestre imperfeita em seu grau máximo de perfeição; isto é, de converter o mais elementar dos materiais em ouro e prata perfeitos; [de transmutar] a rocha em toda sorte de pedras preciosas; (como rubis, safiras, esmeraldas, diamantes, etc.) e muito mais experimentos de natureza similar. Mas como isso é tão-somente uma parte [do seu poder], é a parcela mínima dessa bênção que pode ser adquirida pela Matéria Filosofal, se todas as virtudes aqui mencionadas fossem conhecidas. O ouro é, confessado, um objeto delicioso, uma luz plena de bem ...; mas, embora o principal intento dos alquimistas seja fazer ouro, dificilmente era esse o principal intento dos filósofos antigos, que o consideram o uso mais inferior que os adeptos davam a essa Matéria.

“De acordo com o ponto de vista alquímico, os metais da terra passaram por um processo gradual e natural de desenvolvimento. Os metais elementares, como o chumbo, eram formas imaturas, iniciais. Eles amadureceriam e se desenvolveriam, tornando-se metais nobres, ouro e prata. Os alquimistas pensavam poder acelerar o processo natural de desenvolvimento mediante os procedimentos da sua arte. Essa idéia é uma evidente projeção, na matéria, do fato de o desenvolvimento psicológico natural ser promovido dando-se

atenção ao conteúdo psíquico e “trabalhando”-o.” Pág. 347
“Consideravam-se ouro e a prata metais “nobres” porque eram incorruptíveis, não estavam sujeitos à ferrugem ou à corrosão. Assim, carregavam as qualidades da consistência e da eternidade imutáveis. Da mesma forma, a experiência do Si-mesmo, no processo de individuação, transmite ao ego as características da estabilidade confiável que o torna menos sujeito à decomposição regressiva. Essas qualidades do ego resultam de uma crescente consciência da dimensão transpessoal ou “eterna” da psique – e de uma relação com essa dimensão – que constitui um importante aspecto da experiência do Si-mesmo.” Pág. 348

(2) pois eles, na qualidade de amantes da sabedoria, mais que da riqueza material, dirigiram seus esforços para operações mais elevadas e mais excelentes: E certamente aquele a quem está aberto todo o curso da natureza se rejubila, não tanto por ser capaz de fazer ouro e prata, ou sujeitar os demônios a si, quanto por ver os céus se abrirem e os anjos de Deus subirem e descerem e por ter o seu próprio nome devidamente inscrito no Livro da Vida.

“A *sublimatio* é, psicologicamente, o processo de elevação de experiências concretas e pessoais a um nível superior, ou nível de verdade abstrata ou universal. A *coagulatio*, em contraste, é a concretização, ou realização pessoal, de uma imagem arquetípica.” Pág. 351

“O texto nos diz que a Pedra Filosofal possui um poder de revelação. Ela abre “todo o curso da natureza”, revela os vínculos existentes entre as dimensões pessoais e transpessoais (terra e céu) da psique, e torna evidente que nosso ego pessoal tem um fundamento “metafísico” e, por conseguinte, um direito inalienável de existir em toda a sua peculiaridade. Esses efeitos correspondem estreitamente aos efeitos de um encontro com um símbolo do Si-mesmo que pode emergir, num sonho ou fantasia, durante a psicoterapia.” Pág. 353

(3) agora, passemos às Pedras Vegetal, Mágica e Angelical, que não contam, em nenhuma de suas partes, com a Pedra Mineral... pois elas são maravilhosamente sutis e cada uma delas difere [das outras] em termos de operação e de natureza, já que são adequadas e fermentadas para diferentes efeitos e propósitos. Sem dúvida Adão (ao lado dos Pais antes do dilúvio e desde então), Abraão, Moisés e Salomão operaram muitos prodígios por meio delas, embora sua virtude última jamais tenha sido plenamente compreendida por eles; e nem, na verdade, por ninguém mais além de Deus, o Criador de todas as coisas do céu e da terra, para sempre bendito.

“O principal conteúdo desse parágrafo é que Adão e outras personalidades antigas possuíam a Pedra Filosofal. Trata-se de uma suposição comum nos textos alquímicos e essa posse era considerada, por exemplo, a razão da longevidade de que se gozava naquele tempo. No mito judaico-cristão, os primeiros patriarcas eram considerados praticamente ancestrais semi-divinos. Eles estavam em contato imediato com a fonte do ser. Deus lhes falava e com eles compartilhava dos seus desígnios. São figuras arquetípicas eternas que continuam a viver no paraíso. É apropriado dizer que eles devem ter possuído a Pedra. O paralelo psicológico é que as experiências do Si-mesmo costumam vir acompanhadas de uma aura de antiguidade. Uma característica específica da fenomenologia do Si-mesmo é sua qualidade essencialmente atemporal, eterna e, portanto, antiga. Ele transmite o sentimento de que somos participantes de um processo de todas as épocas que torna relativas as vicissitudes do aqui e agora.” Pág. 354

3. O PRINCIPIO DA FERTILIDADE

(4) porque, pela (Pedra) vegetal, pode-se conhecer perfeitamente a natureza do homem, das feras, das aves, dos peixes, assim como de todos os tipos de árvores, plantas, flores, etc., assim como do modo de aumentar-lhes a cor e o cheiro, quando e onde desejarmos, e isso não só por um instante ... mas diariamente, mensalmente, anualmente, a qualquer momento, em qualquer estação; sim, no mais rigoroso inverno ...

“A pedra é descrita aqui como princípio do crescimento ou da fertilidade. Esse aspecto da Pedra corresponde às palavras de Jesus: “vim para que tenham vida, e para que a tenham em abundância”. (João 10:10, RSV). ” Pág. 356

“Na antiguidade, o princípio da fertilidade era objeto de grandes cultos. O simbolismo sexual desempenhava um grande papel nesses ritos, já que a sexualidade é, evidentemente, a sraem da vida e meio pelo qual os propósitos transpessoais da Natureza transformam o homem em seu instrumento. O útero e seu próprio pênis são, por conseguinte, símbolos apropriados para o próprio princípio da vida, que, nas palavras do nosso texto, gera todas as formas de vida e sabe “como produzi-las e fazê-las crescer, florescer e gerar frutos.” Pág. 358

“Consideradas em termos psicológicos, as qualidades de promoção do crescimento que a Pedra possui referem-se ao fato de o Si-mesmo ser a *fons et srco* da existência psíquica. A vida, o crescimento e a fertilidade são expressões da libido ou energia psíquica.” Pág. 358

4. A UNIÃO DOS OPOSTOS

(5) além de sua parte masculina – associada a uma qualidade solar através de cujo calor inexcedível será queimada e destruída qualquer criatura, planta, etc. – Há uma parte lunar e feminina que, (se aplicada imediatamente), mitigará [os efeitos da parte masculina] com sua extrema frieza; e, de maneira similar, a qualidade lunar imobiliza e congela qualquer animal, etc., a não ser que lhe venha o auxílio imediato e o combate [ao frio] da qualidade do Sol; pois, embora ambas as partes provenham de uma única substância natural, em sua operação exibem qualidades opostas: não obstante, há uma assistência natural entre elas, [que determina que] aquilo que uma delas não é capaz de fazer a outra tanto pode fazer como o fará.

“Aqui somos informados de que a Pedra Filosofal é uma união de duas entidades opostas: uma entidade quente, masculina, solar; e uma entidade fria, feminina, lunar. Isso corresponde aquilo que Jung demonstrou de forma tão exaustiva: o fato de o Si-mesmo ser experimentado e simbolizado como união de opostos. A Pedra Filosofal costuma ser descrita como uma *coniunctio* entre o Sol e a Lua. Muitos quadros alquímicos tentam descrever esse paradoxo.” Pág. 359

“O texto descreve também as qualidades negativas e perigosas que cada uma dessas partes pode exibir quando opera sozinha. A parte solar, encontrada em sua forma pura, é destrutiva em função do seu calor e de sua intensidade excessivos.” Pág. 359

“Encontramos o componente solar unilateral da Pedra Filosofal em seu aspecto destrutivo, em termos psicológicos, tanto interior como exteriormente, na projeção. Exeriormente, pode ser experimentado como o ardor provocado pelo afeto extremo por outra pessoa. Interiormente, pode ser encontrado quando alguém se identifica com uma fúria extrema emanada psíquicos danosos, cuja anulação requer um tempo considerável. As quantidades moderadas de libido solar são criadoras, frutíferas e promotoras de vida, mas um excesso unilateral é inimigo da vida psíquica.” Pág. 360

“O texto nos diz que a parte lunar da Pedra Filosofal, quando encontrada em sua forma pura, também pode ser destrutiva, já que sua extrema frieza “imobiliza e congela”. O exemplo clássico do aspecto imobilizador é o mito da Górgona Medusa. Olhar para ela tem o efeito de transformar quem olha em pedra. O ego do homem é o mais vulnerável a esse efeito.” Pág. 360 – 361

“O efeito de congelamento e de imobilização da qualidade lunar é uma forma extrema assumida pela capacidade do princípio feminino no sentido de promover a *coagulatio*. As imagens e necessidades prementes de natureza espiritual, que prefeririam ficar afastadas da influência da terra, são obrigadas, pelo princípio do Eros feminino, a se relacionar com a realidade pessoal, concreta. Se o ego estiver bastante afastado dessa realidade, sua experiência do encontro com o feminino será sentida como uma queda paralisadora.” Pág. 362

“Pode ser muito útil perceber que os efeitos danosos do perigoso poder lunar e do poder solar destrutivo são, não obstante, aspectos da Pedra Filosofal. Quando estamos nos recuperando dos efeitos de um encontro com qualquer dessas potências, ajuda a manter a orientação e a perspectiva o fato de saber que estamos sofrendo de algo emanado da própria Pedra. Quem procura a Pedra Filosofal está repetidamente sujeito a se tornar vítima de um dos seus aspectos parciais. Esses eventos constituem as operações alquímicas que gradualmente produzem a transformação. Mas as operações estão em nós mesmos. Nós experimentamos a *calcinatio* do fogo solar ou a *coagulatio* paralisadora do poder lunar. Em meio a esses rigores, é extremamente útil saber que elas são parte de um processo significativo mais amplo.” Pág. 362

“O aspecto positivo do princípio solar da consciência masculina, espiritual, deriva do fato de este ser produtor de luz. Tudo se torna claro, brilhante e transparente sob a intensidade de sua iluminação. A experiência do Si-mesmo pode transmitir uma considerável dose de numinosidade e em geral se faz acompanhar de símbolos de luz – iluminação brilhante, fisionomia irradiante, halos, etc.” Pág. 364

5. A IBIQUIDADE

(7) *Através da Pedra mágica ou prospectiva, é possível descobrir qualquer pessoa que se encontre em qualquer parte do mundo, por mais secretamente oculta ou escondida que se encontre; em quartos, banheiros e cavernas da terra: Pois a Pedra faz ali uma completa inquisição. Numa palavra, ela apresenta normalmente, aos nossos olhos, até mesmo o mundo inteiro, no qual poderemos observar, ouvir ou ver o que desejarmos. E há mais: ela permite que o homem comprehenda a linguagem das criaturas, tal como o chilrear dos pássaros, o rugir das feras, etc.; converter um espírito em imagem, que, ao observar a influência dos corpos celestes, se torna um verdadeiro oráculo – que, não obstante, nada tem de necromântico ou demoníaco; que é fácil, prodigiosamente fácil, natural e honesto.*

“A Pedra é, por conseguinte, equivalente ao olho de Deus, que a tudo vê.”

Pág. 367

“O olho de Deu foi uma imagem proeminente na religião egípcia antiga. O texto de um túmulo diz: “Sou o olho de Horo, que a tudo vê, cujo aparecimento provoca o terror, Senhora do Massacre, Poderoso do horror”. Essa passagem reflete a atitude comum do ego face ao encontro com a experiência do olho de Deus. Trata-se de uma atitude de ansiedade em que está presente o temor da descoberta e julgamento dos pecados inconscientes. Como nada pode ficar longe das vistas da Pedra Filosofal, a Pedra será sentida como perigosa ameaça por todos que tentarem escapar à plena autoconsciência. A Pedra pode ver tudo porque simboliza a personalidade completa e integrada, que não tem aspectos ocultos nem dispersos. Pela mesma razão, ela permite a compressão dos pássaros e feras, que representam a sabedoria intuitiva e instintiva do homem. A imagem do olho de Deus sugere uma fonte unificada de consciência (visão) no interior do inconsciente. Talvez seja também uma alusão aos fenômenos da sincronicidade. Talvez, seja também uma alusão aos fenômenos da sincronicidade.” Pág. 370

“Por fim, o parágrafo nos diz que a pedra pode “converter um espírito em imagem que, ao observar a influência dos corpos celestes, torna-se um verdadeiro oráculo” Converter um espírito em imagem deve referir-se psicologicamente, à capacidade do inconsciente no sentido de exprimir um humor ou afeto indiferenciado vago em alguma imagem fantasiosa específica. Esse evento é o alvo do processo da imaginação ativa. Para fazer um conteúdo inconsciente emergir à consciência, é preciso que o imaterial

seja coagulado em matéria; o desencarnado, ou melhor, o ainda não encarnado, deve passar pela encarnação; deve-se apreender um espírito em alguma forma discernível para torná-lo um conteúdo da consciência. Trata-se de um dos aspectos da operação alquímica de *coagulatio*. Os sonhos desempenham essa função, o mesmo ocorrendo com a imaginação ativa e com outras formas imaginativas de expressão criativa. Nosso texto diz que a Pedra Filosofal é que realiza a transformação do espírito em imagem. Isso corresponde ao velho ditado segundo o qual os sonhos vêm de Deus. Em outras palavras, o poder de construção de imagens da psique deriva do seu centro transpessoal, o Si-mesmo; ele não é uma função do ego.” Pág. 371

“A Pedra Filosofal é um símbolo do centro e da totalidade da psique. Assim, a natureza paradoxal da pedra corresponderá à natureza da própria psique. Falamos da realidade da psique, mas quantos dispõem das faculdades perceptivas para “provar” sua real presença? Se aquele tão frequentemente chamado “homem comum” lesse este capítulo, pensaria que estou falando de

uma coisa real? Provavelmente não. A maioria daqueles que dão às suas inclinações e nome de psicologia não está consciente da realidade da psique. Trata-se de comportamento, reflexos neurológicos condicionados, química celular, mas a própria psique nada é. Nas palavras do nosso texto, “ela não pode ser vista, sentida ou pesada”. Para aqueles que só percebem a realidade nesses termos, a psique não existe. Somente aqueles que se viram forçados, pelo seu próprio desenvolvimento ou pelos próprios sintomas psicogênicos, a experimentar a realidade da psique, sabem verdadeiramente que, embora intangível, ela é “pétreo no que se refere à eficácia”. A percepção mais completa desse fato resulta do processo de individuação.” Pág. 373

“O texto nos diz ainda que a Pedra “provoca a aparição de anjos e dá o poder de conversar com eles, por meio de sonhos e de revelações”. Trata-se de uma elaboração da capacidade de produção de imagens mencionada anteriormente. A condição de contato com o Si-mesmo traz a consciência dos significados transpessoais, aqui simbolizados como conversas com anjos.” Pág. 373

“O parágrafo é concluído pela afirmação de que nenhum espírito demoníaco pode aproximar-se da Pedra, [...] Em termos psicológicos, um espírito demoníaco ou demônio é um completo dividido dotado de um dinamismo

autônomo capaz de assumir o controle do ego. Sua existência é perpetuada por uma atitude repressiva da parte do ego, que não aceita o conteúdo dividido nem o integra à personalidade como um todo. A consciência com relação ao Si-mesmo e o atendimento do requisito da personalidade total

eliminam as condições propícias à sobrevivência dos complexos autônomos. A quintessência é a quinta substância unificada, que resulta da união dos quatro elementos. Ela corresponde à personalidade unificada, que dá igual consideração às quatro funções. Uma única função que opere de forma arbitrária, sem sofrer a modificação e a correção das demais, é demoníaca.”
Pág. 374

“Como Cristo, a Pedra afasta os demônios, isto é, aspectos parciais da personalidade que tentam usurpar a autoridade do todo.” Pág. 374

6. O ALIMENTO ESPIRITUAL E A ÁRVORE DA VIDA

(9) S. Dunston a chama alimento dos anjos; e ela é chamada por outros viático celestial; árvore da vida; e é sem dúvida (imediatamente abaixo de Deus) capaz de viver um longo tempo sem por algum meio alimentar, e de forma alguma se poderia pensar que o homem que dela fizer uso possa morrer. Não tenho muita admiração ao pensar sobre o porquê de os seus possuidores – que têm essas manifestações de glória e de eternidade apresentadas diante dos seus olhos carnais – desejarem viver; o porquê de eles, em lugar de desejarem ser dissolvidos e ter o prazer da plena fruição, preferirem viver num lugar em que devem contentar-se com a mera especulação...

“A Pedra é chamada “alimento dos anjos”. Normalmente, não concebemos os anjos como entidades que precisem de alimento. Todavia, talvez sua condição seja análoga à dos espíritos mortos do mundo inferior encontrados por Ulisses. Para fazer surgir os espíritos ele foi obrigado a sacrificar dois cordeiros e a derramar-lhe o sangue, que atrairia os espíritos que têm fome de sangue. Trata-se de uma interessante imagem que expressa o modo com a libido deve ser derramada no inconsciente para ativá-lo. Evidentemente, algo similar ocorre com os anjos: eles precisam do alimento da Pedra Filosofal para se manifestarem aos homens. O alimento é o símbolo da *coagulatio*. Assim, a idéia pode ser a de que um reino eterno, angelical, é concretizado ou trazido à existência temporal através da consciência com relação ao Si-mesmo.” Pág. 376

“Há uma situação semelhante, em nossos dias, que envolve a psicologia analítica e a religião. Àquele que já não vê sentido nas formas religiosas tradicionais, a psicologia analítica oferece um novo contexto para a compreensão dos símbolos transpessoais, um contexto mais apropriado para os aspectos mais desenvolvidos da consciência moderna.” Pág. 377

“A Pedra corresponderá, por via de consequência, a algo de que o homem esteve próximo mas que, tendo passado para a consciência (consciência dos opostos, conhecimento do bem e do mal), dele foi afastado. A relação do indivíduo com o Si-mesmo desenvolve-se dessa forma. Como discutimos na Parte I, o ego nascente está contido srinalmente, num estado inconsciente do Si-mesmo, a condição primordial de totalidade que Neumann denominou uroboros. Com a emergência da consciência do ego, vem a dolorosa separação da totalidade inconsciente e da relação imediata com a vida, simbolizada pela árvore da vida. O alvo último do desenvolvimento da psique torna-se, portanto, uma recuperação do estado de totalidade srinal perdido, dessa vez no nível da percepção consciente.” Pág. 377

7. O UM NO TODO

(10) *Racis dirá a vocês que há um dom de profecia escondido na Pedra vermelha; pois através dela (ele dirá) os filósofos previram as coisas que viriam a ocorrer; e Petrus Bonus adverte que eles não fizeram apenas profecias gerais, mas profecias específicas; eles tiveram um conhecimento antecipado da ressurreição e da encarnação de Jesus; Cristo buderá dia do juízo, a partir daquilo que descobriram no curso de suas operações.*

“A capacidade da Pedra em termos de profecia significa que ela está ligada a uma realidade transconsciente que se encontra além das categorias de tempo e espaço. Isso corresponde ao fenômeno, descrito por Jung, que ele denominou sincronicidade. Uma das formas pelas quais ele pode se manifestar é a coincidência significativa entre um sonho, ou outra experiência psíquica, e algum evento futuro. [...] Essas experiências têm mais probabilidades de ocorrer quando o nível arquetípico da psique foi ativado e têm um impacto numinoso sobre aquele que as experimenta. O texto menciona especificamente o pré-conhecimento da ressurreição, encarnação de Cristo, dia do juízo, etc. Esses são eventos definitivamente transpessoais, e mesmo cósmicos. A implicação parece ser de que a Pedra

transmite o conhecimento da estrutura suprapessoal ou ordem das coisas – inerente ao próprio universo e bem afastada dos princípios de estruturação da consciência do ego, a saber, espaço, tempo e causalidade.” Pág. 380

“Esses sonhos sugerem que a ordem, o sentido e a própria consciência predeterminado estão embutidos no universo. Uma vez que se perceba essa idéia, o fenômeno da sincronicidade deixa de surpreender. Certamente não é desprovido de sentido o fato de, em ambos os sonhos, a forma humana ter sido gravada na pedra pela natureza.” Pág. 381

(11) em resumo, por meio do verdadeiro e variado uso da Prima Materia Filosofal (pois há uma diversidade de dons, mas um só espírito, a perfeição das ciências liberais é dada a conhecer, toda a sabedoria da natureza pode ser percebida e (não obstante o que tenha sido dito, devo acrescentar) há ainda, ocultas, coisas ainda maiores que essas, pois vimos apenas alguns dos seus trabalhos.

“Pela primeira vez, o texto usa o termo *prima matéria* como sinônimo de Pedra Filosofal e o faz numa passagem que enfatiza os múltiplos e diversificados aspectos da Pedra. À primeira vista, parece haver uma confusão entre o final e o princípio. A *prima matéria* é a primeira matéria sencinal, que deve ser submetida a um longo procedimento para que se alcance, finalmente, sua transformação em Pedra Filosofal, o alvo da obra. Mas essas ambiguidades são características do pensamento alquímico, tal

como são características do simbolismo do inconsciente.” Pág. 381 - 382
“As descrições da *prima matéria* enfatizam sua ubiquidade e multiplicidade. Diz-se que ela tem “tantos nomes quantas são as coisas”, e na verdade Jung, em seu seminário sobre Alquimia, menciona 106 nomes para a *prima matéria*, sem ter começado a esgotar a lista. Apesar de suas diversas manifestações, as fontes insistem também em que a *prima matéria* é, essencialmente, uma unidade. Nossa texto faz a mesma afirmação: “há uma diversidade de dons, mas só um espírito”. Assim, a Pedra Filosofal, o final do processo, tem a mesma multiplicidade na unidade que a matéria sencinal tem no início. A diferença entre elas reside no fato de, no final, haver uma Pedra, isto é, uma realidade concreta, indestrutível. Talvez seja significativo o fato de o início do processo alquímico ser mencionado nesse penúltimo parágrafo da descrição do alvo. Isso sugere que o ciclo se completou, que o

fim é um novo início da *circulatio* eterna e que a Pedra, tal como Cristo, é tanto Alfa quanto Ômega.” Pág. 382

“Em termos psicológico, o tema de unidade e multiplicidade envolve o problema da integração de fragmentos em conflito da nossa própria personalidade. Essa é a essência do processo psicoterapêutico. O alvo do processo é experimentar-se a si mesmo como *uno*; mas, ao mesmo tempo, o impeto para fazer o esforço parece derivar da unidade que estava ali, *a priori*, o tempo inteiro. Nossa texto implica que a unidade, uma vez alcançada, deve partir-se outra vez, numa nova multiplicidade, se se pretende que a vida siga seu curso.” Pág. 382

(12) seja como for, há apenas uns poucos em condições de inocular os enxertos dessa ciência. Esses enxertos são mistérios que só podem ser revelados aos adeptos e àqueles que se vêm dedicando, desde o próprio berço, a servir e a esperar nesse altar.

“Essa passagem confirma uma observação que veio tomando forma, pouco a pouco, em minha mente. Tenho a impressão de que aqueles que vão mais longe no processo de individuação quase sempre passaram por alguma experiência significativa e, na verdade, decisiva, do inconsciente, na infância. A experiência da infância de Jung constitui excelente exemplo disso. Parece ocorrer frequentemente a produção, por parte das inadequações do ambiente da infância ou das dificuldades de adaptação da criança, ou ambas as coisas, de uma solidão e uma insatisfação que fazem a criança retornar a si. Isso equivale a um influxo de libido no inconsciente, que é assim ativado e passa a produzir símbolos e imagens de valor que auxiliam a consolidar a individualidade ameaçada da criança. É frequente o envolvimento de locais secretos ou experiências privadas que a criança sente como exclusivamente suas e que lhe fortaleçam o sentimento de valor diante de um ambiente de aparência hostil. Embora não compreendidas conscientemente ou malcompreendidas e consideradas anormais, essas experiências deixam uma sensação de que a idade pessoal tem uma fonte transpessoal de apoio. Assim, elas podem semear as sementes da gratidão e da devoção à fonte do nosso ser, que só emerge em plena consciência muito mais tarde.” Pág. 384

“O texto diz que só se pode ensinar essa ciência a uns poucos. De fato, o conhecimento da psique arquetípica só é disponível para uns poucos. Ele deriva de experiências subjetivas internas que dificilmente podem ser transferidas. Todavia, a realidade da psique está começando a reunir

testemunhos a seu favor. A Pedra Filosofal é um símbolo dessa realidade. Há um poder de cura nas imagens que se agregam em torno desse símbolo. Trata-se de uma potente expressão da fonte e da totalidade do ser individual. Quando quer que se manifeste no processo psicoterapêutico, ela apresenta um efeito construtivo e integrador. É realmente uma pérola de valor incalculável.” Pág. 384

“Esse símbolo se desenvolveu ao longo de um período de quinze séculos. Foi enriquecido através dos esforços de incontáveis homens devotados que foram atraídos pelo seu nome. Eles trabalharam, em geral, sozinhos, como indivíduos, sem o apoio confortador de uma instituição. Encontraram perigos, exteriores e interiores. Esses perigos foram, de um lado, príncipes gananciosos e caçadores de heresias e, de outro, os riscos da solidão e da ativação do inconsciente que esta traz consigo. Sua própria história constitui um testemunho do poder do *Lapis Philosorum*, um poder capaz de colocar as energias de tantos homens talentosos a seu serviço. Trata-se de um importante símbolo que finalmente chegou ao alcance da compreensão moderna.” Pág. 384

Resumo feito por Gustavo Bianchini Porfírio, sem fins lucrativos. Bons estudos!